

PENTAGRAMA

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção dos leitores para a nova era que começou para o desenvolvimento da humanidade.

O pentagrama sempre foi, em todos os tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual acontece a manifestação do plano divino.

Entretanto, um símbolo apenas tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, permanece no caminho de transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor para operar esta revolução espiritual em si mesmo.

ÍNDICE:

- 2 A AGITAÇÃO ATUAL DAS GUERRAS RELIGIOSAS
- 7 PARSIFAL DE OLHOS VENDADOS
- 11 O SEGREDO DO HOMEM
- 15 NOVOS IMPULSOS NO CAMPO DE TRABALHO DA ROSACRUZ ÁUREA
- 28 A CONQUISTA DA IMORTALIDADE
- 30 O JARDIM SAGRADO CHEIO DE FLORES, CORES E PERFUMES
- 32 CONSEQUÊNCIAS DO TREINAMENTO DA VOZ E DA RESPIRAÇÃO
- 35 CINQUENTA ANOS DE PAZ?
- 38 QUEM ACIONA OS FIOS DAS MARIONETES?
- 40 O PERIGO DA TELEVISÃO

1996
ANO 18
NÚMERO 1

A AGITAÇÃO ATUAL DAS GUERRAS RELIGIOSAS

Dentro de todas as criaturas humanas vivem duas sensações instintivas, que têm como base a ordem dialética: a primeira é a sensação de que o mundo é imperfeito; a segunda, a sensação que é preciso preservar-se dos perigos da imperfeição, corrigindo-a ou suplantando-a, a fim de criar a perfeição, o absoluto.

Conseqüentemente, desde os tempos mais remotos até nossos dias, o homem vem empenhando-se na luta contra o perigo e na caça às imperfeições, para consolidar o círculo de sua existência.

Esta luta não foi sempre a mesma em todos os lugares; e a caça revestiu-se de numerosos aspectos. A psique humana logo se caracterizou por uma grande diversidade individual. Havia diferentes espécies de ameaças, diferentes maneiras de encarar a proteção e a caça foi tomando variadas formas.

A ameaça poderia vir diretamente dos congêneres; ter causas incontroláveis, indefiníveis; e também muitas forças invisíveis podiam entrar em jogo. E então decidiu-se caçar e expulsar o perigo principal e o que havia de mais temível no ambiente, conforme sua natureza.

Mas, na realidade, as reações dos seres humanos eram bem parecidas diante do perigo e da caça que se perseguia. Ora, isto sempre vai ser assim. O homem da massa ainda vive totalmente sob o impulso de seus instintos naturais. Nosso ambiente nos estimula e vai determinando as ameaças que sentimos e a caçada que empreendemos.

Nossas crianças sempre nascem

com os mesmos instintos e neste sentido não há nenhuma educação formal. O sol se levanta e se põe, entra ano e sai ano e não há nenhuma transformação fundamental. Na realidade, a ordem mundial continua exatamente a mesma que a das épocas mais remotas. Entre o homem moderno e Daah, o homem primitivo — que fica grunhindo, sentado em um tronco de árvore só porque está sendo ameaçado por enormes animais ferozes da floresta virgem e cutuca o estômago com seu polegar peludo porque não conseguiu caçar nada e está morto de fome — há somente uma diferença de grau.

Daah e o homem moderno têm os mesmos problemas. Os dois são exatamente iguais. Pela eugenia — ciência do melhoramento da raça e da espécie, verdadeiro método de proteção — Daah não tem mais o crânio fugidio, seus olhos são mais separados, a pele já não é tão peluda e os esforços intelectuais que ele utilizou tantas vezes para caçar foram multiplicando suas circunvoluções cerebrais, de geração em geração.

No restante, Daah continua sempre Daah. O homem primitivo tinha sua macha, o homem moderno tem seu fuzil. O homem primitivo sentava-se em um toco de árvore, nós contemplamos o caos mundial encolhidos em nossa poltrona de couro.

O homem primitivo ficava lamentando-se por seus medos e prazeres da caça sob a luz da lua cheia. Pelos mesmos motivos, o homem moderno vai à igreja, ou até o templo da Rosacruz Áurea para invocar um de seus ídolos.

Logo que começou a fazer parte de uma tribo, o homem primitivo pôde manter-se graças à lei do mais forte. Nós fazemos a mesma coisa com a “maioria absoluta” (que é a metade dos votos

mais uma) e dizemos que isto é democracia — o que no fim dá no mesmo.

O SANGUE

Quando realizamos pesquisas, descobrimos que todos os comportamentos humanos, sejam políticos, sociais, econômicos, religiosos e ocultistas são conseqüências diretas dos instintos primários. Tudo depende dos estímulos que representam os perigos, e da caçada que empreendemos em nossa esfera de existência.

É por isso que concluímos que, apesar de sermos aparentemente diferentes em método e modos, todos os seres humanos têm a mesma motivação básica, qualquer que seja o grupo político, religioso, econômico ou ocultista ao qual pertencamos.

Todos os homens estimulados pelos mesmos perigos e impulsionados pelas mesmas caçadas foram-se reagrupando desde as épocas mais remotas. Afinal, uma ameaça comum acarreta um interesse comum. E como se descobriu bem rapidamente certos segredos do sangue, o grupo pôde crescer à vontade, graças à posteridade. Todos se fiavam nesta ilusão: se todos os homens que estão vendo o mesmo perigo que nós empreenderem a mesma caçada, atingiremos a meta.

Se pelo menos um grupo tivesse podido dar a todos os humanos os mesmos estímulos, teríamos descoberto a mistificação muito rapidamente. Porém havia grupos diferentes, estimulados de maneiras opostas. Logo um grupo se sentia ameaçado por outro, em sua caçada.

Além disso, ao lado da caçada funda-

mental, apareciam as caçadas incidentais. O grupo A sentia-se ameaçado em suas metas pelo grupo B. Assim, A combate o grupo B e vice-versa; e os objetivos fundamentais eram rejeitados.

Aí está a causa de todos os combates, de todas as guerras: a interação entre o fundamental e o incidental. Se compreendermos isto, compreenderemos também a loucura terrível que isto representa.

Achamos que a humanidade inteira nunca deixou de lutar, nem por um instante. Os conflitos incidentais entre grupos que não têm os mesmos objetivos vão-se multiplicando de hora em hora. Os modos de conduzir a luta diferem, sem dúvida, mas tudo sempre acaba com a morte e o assassinio físico, moral e espiritual.

Podemos oprimir os outros lutando por ideais, por cristos, por dogmas, medidas e doutrinas sociais, políticas ou econômicas. Podemos ferir-nos mortalmente de todos os modos, com maneiras civilizadas e refinadas, matando grosseiramente, brutalmente, usando como anteparo natural a impessoalidade do grupo. A multidão é sempre a maior criminoso. Fora da multidão, o indivíduo jamais faz o que quer que seja.

A ASSINATURA

Agora, vamos dar alguns exemplos. Quando os comparamos, descobrimos que eles são bastante semelhantes.

Imaginemos que se trata de dois magnatas riquíssimos. Um, que subiu as escadas do poder vendendo produtos agrícolas; o outro, com suas fábricas. Ambos tornaram-se o que são, naturalmente estimulados pelas amea-

ças que pesam sobre eles e o grupo, assim como por suas reações para expulsar e caçar estes perigos. Para chegar a suas metas, eles aprenderam uma ciência exata: a economia. Esta é a base racional sobre a qual eles estudaram os perigos em que poderiam incorrer e a caçada a estes perigos.

Aconteceu um incidente: isto é inevitável, em razão dos interesses divergentes. Estes dois senhores, seguidos de seus grupos, se pegaram pelos cabelos e levaram com eles milhões de pessoas. Portanto, há dois partidos: dois opositores e seu grupo, que dizem “suas teorias econômicas são incorretas” ou “seus métodos são maus; se vocês não mudarem as coisas, nós vamos mudar”.

Mas, dentro destes grupos, há discordâncias e diversos movimentos de pessoas que querem resolver as dificuldades de acordo com seu próprio estímulo pessoal. Portanto, há lutas internas nos grupos de oponentes, e estas lutas arrastam milhões de pessoas. E isto vai continuando até que chegue um grupo e diga: “Nossa vontade é lei!” mesmo que seja por pouco tempo. Existe, portanto, um círculo vicioso em que passamos da ditadura ao caos e do caos à ditadura. Na história do mundo, os grupos dominam ou são dominados, cada um no seu papel, alternando a sua vez.

METAFÍSICA

Até os dias de hoje, observamos grupos estimulados por problemas sociais, políticos ou econômicos: mas é bom observar uma nova categoria, cujos representantes também desempenham, se necessário, um papel na primeira categoria. Pensamos naqueles que são

estimulados pela metafísica.

Um grupo diz: “Alá é Alá e Maomé é seu profeta”. Um outro proclama: “Deus é Deus e Brama é seu profeta”. Um terceiro exclama: “O Senhor é grande e Moisés é seu profeta”, enquanto que alguns declaram: “Deus é Deus e Cristo é seu profeta; o profeta de Cristo é o Papa, ou Calvino, ou a Escritura”.

Hoje, todos estes grupos estão empenhados em uma caçada fanática, em uma luta incidental terrível, horrivelmente sangrenta. Há alguns que, desde o início de nossa era, são responsáveis pelo assassinio de centenas de milhares de pessoas: núpcias sangrentas, satânicas, que chegam até a nossos dias. Aí está a colheita da metafísica manipulada pelos humanos.

“Mais do que terrível!”, gritam outros grupos formando uma terceira categoria. “Mais do que terrível, mas o homem é bom!” O homem é bom, e no entanto faz o mal. Como isto é possível? Por que isto acontece? Porque o homem não segue suficientemente o bem, e não foge diante da ameaça do mal.

Este grupo, esta terceira categoria, nos mostra como os estímulos naturais que representam a ameaça e a caçada são reconduzidos a sua simplicidade primitiva. Para encurtar a história, Daah volta a ser Daah. Deixamos crescer os cabelos, vestimo-nos e alimentamo-nos de um jeito diferente e não-conformista, vivemos da maneira a mais natural possível.

“Ser natureza na natureza, isto realmente faz bem! Buscar o puramente humano, encontrar o equilíbrio, querer bem aos outros, ser amável, dar aos outros, não se engajar para evitar aborrecimentos, ser somente um homem, um autêntico, um homem sem complicações – o homem é naturalmente bom!” Aí está

em que se resumem as especulações humanistas desembaraçadas dos floreios e das confusões obscuras da linguagem científica e filosófica.

Ainda não entrou na consciência dos humanistas que o estímulo do perigo e da incitação à caçada têm uma única e mesma origem. Quando mudamos a meta da caçada, somente obtemos uma felicidade temporária.

É um contra-senso, um *non-sense*. Quanto mais o homem se esforça para atingir sua meta, mais ela se distancia dele.

Daah, o homem primitivo da natureza, não era bom. Era um patife espumando e grunhindo, forçado a lutar para viver. Quanto mais existe caçada, mais ameaça existe (quanto mais cultura, mais corrupção). Quanto maior se torna o intelecto, mais numerosos são os assassínios.

Entre Daah com sua maça e Daah com sua bomba atômica existe apenas uma diferença de grau. Entre Daah, com seus bíceps fortes como os de um boi, e o metafísico moderno não existe diferença. Como arma de caça, Daah utilizava sua força muscular; o metafísico brande sua teologia.

Quando Daah, depois de se encher de comida, dormia largado ao sol, ele se sentia muito bom. Tão bom que até deixava que uma mosca subisse na sua pança enquanto ele ia seguindo o jogo de luz que o sol desenhava nas asas e nos olhinhos dela. Neste estado, Daah não faria mal sequer a uma mosca.

Poderíamos imaginar que, resolvendo definitivamente os problemas econômicos de alimentação e de vestimentas, Daah continuaria em um estado de homem que comeu até ficar satisfeito. Daah, aquele que vive de rendas, seria bom, eternamente bom? De maneira al-

guma! Se Daah vivesse de renda e estivesse em uma situação socialmente correta, os limites de sua esfera de existência se deslocariam, novos agulhões o cutucariam e ele ficaria novamente como antes, tão infeliz quanto perigoso.

TRANSFIGURAÇÃO

Demos um exemplo de dois grupos humanos, dois pequenos esboços do mundo das idéias no qual nós, que pertencemos à Rosacruz Áurea, também estamos mergulhados. Nossa descrição está longe de ser completa, mas sem dúvida é suficientemente clara para esclarecer a situação específica da existência nesta natureza.

Se houver má-vontade com relação a nós, pensarão, sem dúvida: “Agora, vão querer dizer que, no círculo de vida de vocês ninguém é estimulado pela idéia do perigo, e que ninguém sai por aí caçando!”

Não temos esta pretensão. Pelo contrário: nós bem que reconhecemos isto. No entanto, pertencemos, sem dúvida, a este número reduzido de pessoas que estudam de perto todos os elementos destes dois conceitos — o perigo e a caçada— e chegamos à seguinte conclusão: o perigo é inegável, e a caçada é evidente. O perigo é real, é um fato que não pode ser negado. Mas a caçada é sempre especulativa: é como se atirar no desconhecido, na onda, no acaso.

O perigo é a imperfeição, a lei básica da natureza. A caçada é a consequência direta desta lei — da ação da lei do perigo e da imperfeição.

Não é saindo para caçar que vamos escapar do perigo. Se nos jogarmos

nesta caçada, vamos ficar como uma bola, jogados de cá para lá, e vamos prolongar a miséria. Portanto, nós dizemos não: não vamos sair para caçar. Não fazemos parte de nenhum grupo ou partido de caça.

A ameaça continua. Como evitá-la? Neutralizando nossa existência, esvaziando totalmente a esfera de nossa existência natural.

Será que isto é um suicídio? De jeito nenhum. O suicídio elimina apenas uma parte de Daah. O elemento essencial de Daah continua e volta ao circuito. Depois de muita miséria e sofrimento, ele recomeça sua existência: um amor de bebê em um berço cor-de-rosa!

Abolir a existência é nossa meta — antigamente, esta meta chamava-se

endura. Alguém que conhecemos e que não participava de nenhuma espécie de caça falava que isto é renascimento. Nós preferimos falar de transfiguração: esta é a meta da Rosacruz Áurea.

Vindes conosco? Maravilha! Se não, deixai-nos em paz, como vos deixamos em paz.

Qualquer pessoa que quiser pode realizar o processo de transfiguração em perfeita franco-maçonaria pessoal. Assim como o relógio indica o tempo, cada esfera da existência mostrará o resultado deste processo com a precisão de um cronômetro.

Jan van Rijckenborgh

PARSIFAL DE OLHOS VENDADOS

Aquele que entra no templo da Rosacruz Áurea é como um Parsifal de olhos vendados. Supomos que ele está em busca do Santo Graal, quer dizer, em busca da fonte de uma vida totalmente diferente, em busca do verdadeiro homem. A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea sempre vai atrair o buscador e sempre vai interessar-se por ele. Entretanto, ela não vai ter nada a dizer para o homem que acredita que pode cumprir seu destino neste mundo (com uma humanidade como esta que está manifestando-se atualmente).

Quem está buscando há muito tempo, de horizonte a horizonte do mundo o verdadeiro objetivo da vida, querendo realizar o homem verdadeiro, este é como um Parsifal de olhos vendados. Em seu imo, ele sabe que este ponto central de toda a vida pode, deve ser encontrado: e esta compreensão o enche de energia. Ele está buscando a felicidade, a verdade, a Luz. Mas, enquanto seu mundo continuar nas trevas, suas mãos vão tatear o desconhecido. Muitas vezes ele se agarra a ilusões sem valor. E está sempre caminhando em direção à aventura, como Parsifal. Em sua ingenuidade, ele vai andando sem rumo, entre barrancos e abismos, pois geralmente é muito mais fácil descer do que subir.

NINGUÉM ESTÁ CONDENADO A CONTINUAR PRESO

Este é um sinal característico do mundo de hoje. Vemos como o declínio do mundo está aumentando nas cores cruas da vida. Muitos buscadores reagem adotando este ou aquele estilo de vida mais ou menos estranho; ou então, afundam na mais pura indiferença. Quem não se perde nos barrancos e nos abismos da busca somente consegue sair deles quando chega sua hora e se vê de repente na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, onde ouve estas palavras libertadoras: "Ninguém está condenado a continuar preso no abismo; o caminho de libertação, o caminho do Santo Graal, aí está para cada um daqueles que realmente o estão buscando. Mas o primeiro passo consiste em arrancar a venda dos olhos!".

Esta é a coisa mais importante que a Escola Espiritual empreende em primeiro lugar com o candidato: ela o ensina e o ajuda a arrancar sua venda. De fato, enquanto ele estiver com os olhos vendados, vai ficar buscando seu caminho na escuridão e não vai poder atingir seu objetivo, e nem sequer vai poder enxergá-lo, a não ser de longe.

Muitas coisas estão acontecendo neste mundo. Há uma busca intensa e há muita gente oferecendo muitas pedras em vez de pão. O sofrimento físico é tão incomensurável que eclipsa todas as grandes epidemias do passado. O sofrimento psíquico também é enorme: padecimento da alma, padecimento por ver seu mundo ruir em todos os sentidos, por ver as colunas aparentemente inabaláveis de sua existência ruírem como em um imenso terremoto. A vida cotidiana, a vida pública, continua a correr sem parar, passando por cima de tudo isto.

EM BUSCA DO DESCONHECIDO

Vivemos em um tempo em que o meio ambiente está em “emigração”. Muitos abandonam a segurança do lar, pegam a estrada para o desconhecido e ficam vagando no deserto, em busca de um novo porto para se apegarem, de um novo lugar para fazer uma parada de descanso. Muitas destas pessoas que estão buscando são como Parsifal: estão com os olhos vendados, mas estão buscando o Santo Graal. A Escola Espiritual lhes mostra que o Santo Graal é o núcleo central, a fonte e a força de onde emana o novo estado de vida. E este estado de vida é o objetivo final, que só podemos encontrar por meio da alma-espírito, que é o objetivo final do verdadeiro devir do homem incluído no plano divino.

Mas o homem-eu erra enormemente ao pensar que é ele, sua própria personalidade, quem poderá encontrar e possuir a alma-espírito. Ele diz: “Estou buscando. Eu estou buscando a Deus, eu estou esforçando-me para compreender os mistérios, eu estou buscando a causa e o objetivo de minha existência”. Apesar de sua aspiração pura e de todas as suas possíveis qualidades de alma, ainda é a personalidade que continua no centro de seus pensamentos e de suas lutas, nesta busca.

Como ele poderia buscar? Qual é sua motivação? Afinal ele não é um Parsifal com os olhos vendados? Com certeza ele é impulsionado pelo sofrimento da alma e por seu ser interior. Mas é um buscador com uma consciência puramente dialética e com uma mente pesadamente carregada, na maioria das vezes. Como um Parsifal de olhos vendados, ele é impulsionado pelo sofrimento da alma, mas está ofuscado, cego, por sua consciência-eu.

O PROCESSO QUE FAZ CAIR A VENDA DOS OLHOS

Então, ele entra no Castelo do Graal, o Corpo-Vivo da Escola Espiritual, porque ele busca o Santo Graal, mas por enquanto ele ainda não pode avaliar e sondar o valor total e o significado do Castelo do Graal. É por isso que a Escola Espiritual acompanha e assiste cada candidato no processo que faz com que a venda caia. Ele vai reconhecendo pouco a pouco todo o esplendor do Castelo do Graal e vai compreendendo o significado do Corpo-Vivo da Escola Espiritual para o caminho do discípulo.

Em um primeiro tempo, ele sente profundamente a presença da venda diante de seus olhos e isto marca uma revolta em sua vida. Ele se dá conta de que sua mente desempenhou um papel muito importante em sua pesquisa e em sua busca, mas que é a própria mente, em grande parte, que forma esta venda.

Sua mente e tudo o que ela produz o liga incessantemente a sua consciência-eu, que por sua vez dinamiza sua mente, o que fecha o círculo vicioso onde gira sua vida. Assim é o homem, assim é sua visão do mundo, sempre indissolivelmente ligada a seus pensamentos. É por esta razão que é muito importante que cada um de nós tenha consciência do objetivo de sua busca, e que permaneça consciente disto. Que cada um de nós nunca pare de se perguntar: “Será que minha presença na Escola Espiritual, o Castelo do Graal, realmente se explica pelo sofrimento de minha alma? Será que estou sendo impulsionado realmente pela voz da alma, a alma que treme só de constatar os sofrimentos do mundo e os caminhos indignos do homem, por onde a humanidade ameaça entrar? Em resumo: será que é a total falta de perspectiva de vida que me trouxe para o Templo da Rosacruz Áurea? Será que eu estou compreendendo verdadeiramente as palavras de Cristo: ‘Meu Reino não é deste mundo’?”.

Os dois mil anos que ficaram para trás nos mostram que esta advertência direta do Cristo e dos que vieram antes

dele não foi compreendida, e que hoje ainda é menos compreendida do que nunca. O pensamento e a reflexão intelectual, mesmo que sejam dinamizados pela voz da alma, estão mais ou menos submetidos a certas influências e trazem a marca de tudo o que ocupou a humanidade no passado, nos domínios da religião, da filosofia, do esoterismo, da ciência e da ética. Principalmente em nossa época, quando estamos presos na tempestade de novas idéias em todos estes setores, Parsifal está correndo muitos perigos inéditos, e está arriscado a ser arrastado em novos labirintos.

Os alunos da Escola Espiritual também. Mesmo que possuam uma aspiração abrasadora, geralmente ficam enroscados em seu intelecto sobrecarregado. No caminho do discipulado, é principalmente a mente, influenciada pela vida, pelas experiências, pela educação e talvez também por sua pesquisa esotérica, que forma a venda diante de seus olhos. E é isto que explica por que o buscador não pode seguir espontaneamente a voz interior da alma, a voz da rosa-do-coração, e a ela se abandonar. Então nós começamos a argumentar, a especular, a analisar, e jogamos uma série de jogos com nosso intelecto, continuando a girar em círculos, com os olhos vendados, no Castelo do Graal.

ACEITAÇÃO OU RECUSA DAS CONSEQÜÊNCIAS

O aluno que se encontra em um estado de espírito como este, que não quer (ou que não pode) aceitar a ação autêntica do discipulado, compara-se a Pilatos que, por pura consideração intelectual, pergunta ironicamente a Cristo: “Sim, mas o que é a verdade?” É a filosofia que afirma que tudo é relativo, tudo é uma questão de ponto de vista.

Entretanto, a razão profunda desta pergunta é que o interrogante bem que vê a verdade, mas não quer ou não

pode segui-la, pois não quer (pelo menos não ainda) aceitar suas conseqüências. Da parte dele, segue-se logo um julgamento totalmente dialético e um grave erro interior.

Para aquele que deseja realizar a alma-espírito, apresenta-se a exigência do tudo ou nada. E este “tudo” está oculto, escondido dentro do próprio homem. Trata-se de escutar e seguir o chamado da voz interior. É por esta razão que a Escola Espiritual apresenta o evangelho crístico, não como um objeto exterior ao aluno, mas como um caminho evangélico a ser seguido interiormente e a ser cumprido dentro de si mesmo.

A Escola Espiritual começa colocando cada aluno diante do caminho de João, da própria essência do estado de homem-João. Se, nesta fase, ele estiver disposto a tirar sua venda, ele estará pronto, como João, a colocar sua cabeça no cepo. A auto-rendição consciente, absoluta e total à força poderosa da rosa-do-coração, ao princípio central do devir do novo homem, representa o grande passo do caminho. É o começo de um novo processo de vida, no decorrer do qual o aluno passa por novas experiências de modo especial e cientificamente gnóstico.

Nossa existência, assim como a de todos os nossos semelhantes, ressentem-se da completa falta de perspectiva. Ela é absolutamente estéril enquanto não conduz e não chega à realização do estado de alma-espírito. Somente quando a alma-espírito desperta é que todos os estímulos dialéticos se acalmam e o plano divino se cumpre em nós.

O caminho de João, perante o qual a Escola Espiritual coloca seus alunos, é totalmente direcionado a partir de Cristo. Não devemos pensar em um personagem histórico, mas na luz sobre a qual o prólogo do Evangelho de João dá testemunho: “A luz brilha nas trevas”. A terra inteira está a serviço desta luz. Sem esta luz, nada podemos. Todas as escrituras sagradas dão testemunho desta luz. Cristo é a luz astral libertadora e salvadora. É a pura luz astral dentro

da qual e pela qual acontece nosso renascimento, o renascimento do novo homem em seu devir.

Esta luz pode ser assimilada pelo princípio central do microcosmo. É esta a força que o Corpo-Vivo da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea irradia, como um potente campo de radiação gnóstica. E, em seus templos de luz, ela toca o aluno bem diretamente. Mas ela somente pode manifestar-se como força se ele aceitá-la em total auto-rendição. É isto que dá um significado muito profundo, para o buscador da verdade, a estas palavras do Evangelho de Cristo: “E os olhos deles se abriram e eles o reconheceram”. Neste momento, Parsifal arranca a venda de seus olhos e descobre o Santo Graal.

A Direção Espiritual Internacional
A. H. van den Brul

O SEGREDO DO HOMEM

Leonardo da Vinci, o célebre pintor, arquiteto, escultor, engenheiro e pesquisador italiano (1452-1519), nos leva até o centro do segredo do ser humano, em um de seus desenhos mais conhecidos, o “Número áureo”. Aí ele dá a chave do verdadeiro renascimento espiritual, isto é, a ressurreição do homem-deus.



Hoje, a palavra “renascimento” tem apenas o significado de revivificação das artes e das ciências, deste movimento que aconteceu no fim da Idade Média. Este fenômeno começou na Itália e espalhou-se por quase todo o mundo ocidental da época. Quando vamos buscar as causas, descobrimos que muitas pessoas desta época orientaram sua busca e suas pesquisas tendo em vista uma renovação interior, uma renovação que se expressou por meio da arte, da ciência e da religião.

Como pano de fundo deste movimento, havia uma grande aspiração a um renascimento espiritual, ao restabelecimento espiritual do homem original que

ameaçava perder-se na matéria. A revivificação da arte e da filosofia antigas foi colocada a serviço desta aspiração à perfeição. “Ad fontes” — o retorno às fontes — foi o lema da época.

Estimulado por esta busca da verdade, Leonardo da Vinci representou o caminho de libertação em seu “Número Áureo”.

REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DO RESTABELECIMENTO DO HOMEM

Leonardo da Vinci utilizou aqui certas estruturas que aparecem na antiga simbologia germânica. São sinais gráficos gravados em pedaços de madeira, de metal ou de pedra. Os sacerdotes e as sacerdotisas usavam estes grafismos, entre outros, para interpretar o destino. Inúmeras inscrições foram encontradas em objetos pré-históricos na Escandinávia e nas Ilhas Britânicas, mas estes sinais também são conhecidos em outras partes do mundo. É surpreendente comparar estes grafismos e o desenho elaborado por Leonardo da Vinci, em que ele se serviu de alguns destes sinais como base para o número áureo.

Um antigo grafismo escandinavo, ou runa, mostra as linhas de força que estão ativas no ser humano. Elas dão uma imagem da construção do corpo e da linguagem usada na época. Geralmente, a árvore simbolizava o homem. Muitos mitos narram como o homem nasceu de uma árvore. O tronco simboliza a coluna vertebral que contém o fogo serpentino. No Edda, que é uma coletânea de cantos escandinavos do século XII, o freixo é considerado a primeira árvore da terra. Ele representa a árvore do mundo, é a imagem original da árvore do Paraíso e do sistema do sagrado fogo serpentino. Esta árvore foi derrubada e, como o homem perdeu sua divindade, tornou-se apenas uma sombra, formada pela matéria terrestre.

Entretanto, o tronco seco do sistema do fogo serpentino pode transformar-se



O símbolo da ressurreição

na cruz da vitória pela endura: o sacrifício que o ser terrestre, perdido, faz em nome da nova alma em crescimento. A cruz e a ressurreição estão ligadas. O caminho da cruz é a base do processo de transfiguração, pelo qual o homem divino renasce e se estabelece novamente. Este é o significado puro do renascimento.

Leonardo da Vinci expressa por meio da imagem este caminho de restabelecimento. Se, em seu desenho, substituímos os dois membros por linhas retas, veremos surgir o sinal do renascimento. A linha vertical corta a linha dos braços estendidos, formando assim a cruz. É a ponte entre a personalidade dialética e o novo homem em desenvolvimento, simbolizado pelo sinal da ressurreição. Assim, a cruz e a ressurreição são a mesma coisa. Este símbolo duplo oculta um duplo segredo: o velho homem e o caminho da renovação total.

Da unidade nasce a multiplicidade. Os duplos membros do desenho de Leonardo da Vinci fazem pensar na dualidade que se expressa na existência terrestre. Dentro do homem moram dois seres: um, que é o vestígio da vida original, oculto no princípio adormecido no coração; outro, é o ser terrestre, completamente ocupado em satisfazer seus desejos e ambições eliminando tudo o que é estranho a sua natureza. No momento em que este ser terrestre, duplo, segue seu caminho da cruz, tudo o que é efêmero e provisório torna-se uma base para a renovação.

O símbolo da ressurreição é composto pelo símbolo da vida e pelo símbolo da morte: esta árvore, que se enraíza na terra, eleva sua coroa (sua copa) até o mundo divino. O caminho de libertação começa na existência terrestre, na natureza da morte, que é o reflexo da natureza divina.

Se a árvore da vida for colocada de cabeça para baixo, seus galhos vão crescer na lama da matéria e a árvore se torna estéril. A natureza da morte, o mundo do nascimento, da vida e da morte, ao qual pertence tudo o que exis-

te, é dominado pelas forças gêmeas do bem e do mal. Nascimento e morte mantêm em movimento a roda da existência.

O HOMEM CRUCIFICADO

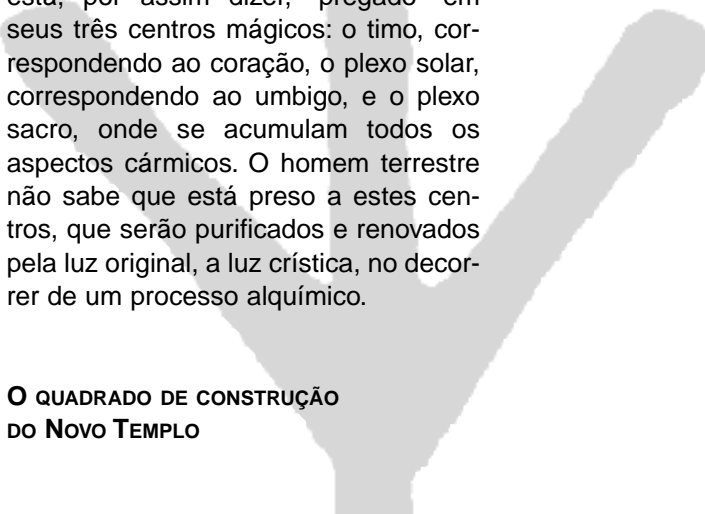
No centro do símbolo da ressurreição encontra-se o homem crucificado. Não é um homem morto, mas um homem que crucifica sua vida na força de Cristo, que muda a direção de sua vida em uma reviravolta total, determinando assim o retorno de toda a criação. Este homem está, por assim dizer, “pregado” em seus três centros mágicos: o timo, correspondendo ao coração, o plexo solar, correspondendo ao umbigo, e o plexo sacro, onde se acumulam todos os aspectos cármicos. O homem terrestre não sabe que está preso a estes centros, que serão purificados e renovados pela luz original, a luz crística, no decorrer de um processo alquímico.

O QUADRADO DE CONSTRUÇÃO DO NOVO TEMPLO

A cruz está inserida dentro de um quadrado que significa que ela está colocada na matéria. O homem biológico, conduzido por seu próprio instinto de conservação, usa erradamente as forças criadoras. São estas forças criadoras que formam o centro do quadrado. As atividades profanas ou ímpias do plexo sacro o ligam ao campo da existência dialética. É por isso que as três raízes da runa da morte dirigem-se para baixo, para a terra. Este quadrado da natureza dialética deve ser transformado pelo caminho da cruz em um quadrado purificado, sobre o qual o novo homem finalmente é construído. Assim, o velho homem cria o espaço para edificar Cristianópolis, a Jerusalém celeste, o estado de vida divino, para abrigar a nova alma imortal. O centro natural do



O símbolo da vida



corpo material e de seus corpos sutis corresponde ao umbigo e ao plexo solar. É o lixo da roda à qual o homem está ligado enquanto viver exclusivamente das forças da natureza terrestre. Ligado a esta roda, ele está condenado à morte, por sua própria natureza terrestre perecível. A natureza terrestre deve aniquilar-se para que a nova vida possa nascer. Este é o caminho de João, que todos os buscadores sérios devem percorrer um dia. As raízes da runa da morte representam a morte da antiga natureza pela transmutação alquímica, a endura.

A endura é o caminho no decorrer do qual a antiga vida abre espaço para a nova alma desperta, simbolizada pelo símbolo do homem que representa a ressurreição do Filho de Deus, a glorificação da cruz. No desenho de Leonardo da Vinci, o homem tornou-se igual a este símbolo, o que significa que sua vida terrestre está unida ao Espírito Santo. Os braços estendidos para o alto mostram que ele recebe o Espírito Divino.

Há uma relação entre o símbolo do homem, o símbolo do Carneiro e a estação em que se celebra a festa de Páscoa, a festa do Cordeiro. “Emanuel”, Deus em forma de homem, é o nome pelo qual os profetas do Antigo Testamento chamam a Cristo.

O PENTAGRAMA, SÍMBOLO DA NOVA VIDA IMORTAL

A cicatriz do umbigo agora é o centro da estrela de Belém. Os braços se erguem acima do quadrado da matéria terrestre e tocam o círculo da eternidade. A cabeça se eleva na esfera das estrelas. O novo homem se posiciona como um pentagrama áureo, eleva-se como um ser alado no interior do círculo perfeito de seu corpo renovado. Quadrado e círculo se interpenetram e formam uma unidade. O “soma psychikon”, a veste áurea nupcial, já está tecida.

do. É o corpo que permite ao novo homem entrar no campo de vida original, depois de ter vencido a natureza inferior e a morte.

O SÍMBOLO DA RESSURREIÇÃO

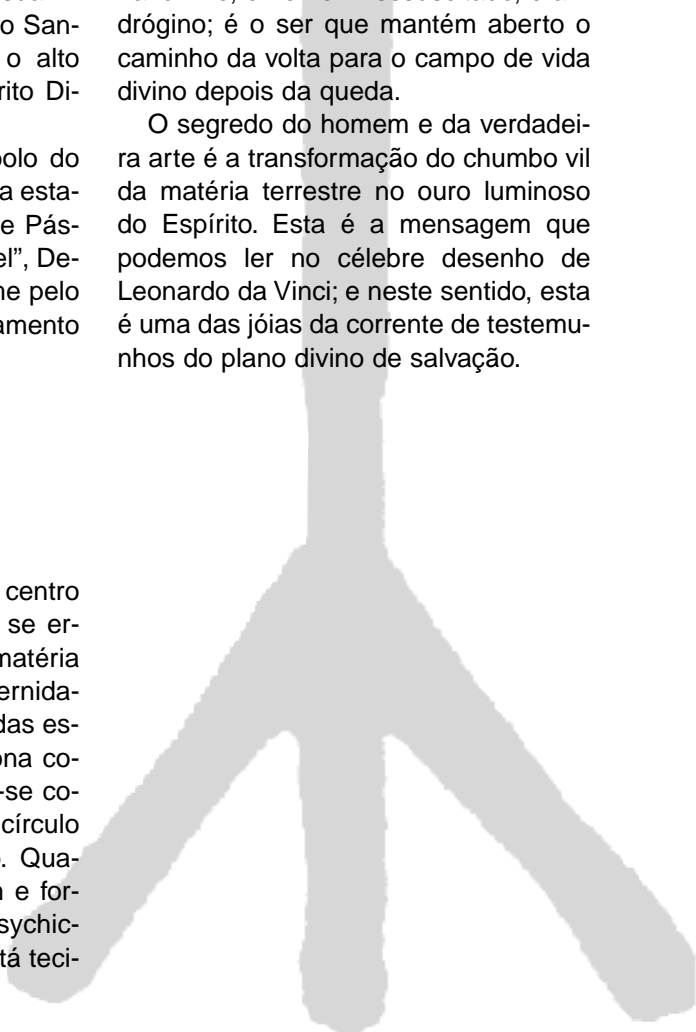
No interior do quadrado e do círculo, o homem se mantém dentro do signo da ressurreição. Com um gesto sacerdotal, ele estende os braços para abençoar. Ele já se despregou da cruz da antiga natureza: a árvore da vida divina já está novamente estabelecida. A luz solar da natureza superior, em sua aurora, incita os novos brotos a se desdobrar.

O símbolo da ressurreição também é o símbolo do ELAN, o cervo sagrado cujos galhos simbolizam o poder mental renovado. Na mitologia, o homem original divino, o homem ressuscitado, é andrógino; é o ser que mantém aberto o caminho da volta para o campo de vida divino depois da queda.

O segredo do homem e da verdadeira arte é a transformação do chumbo vil da matéria terrestre no ouro luminoso do Espírito. Esta é a mensagem que podemos ler no célebre desenho de Leonardo da Vinci; e neste sentido, esta é uma das jóias da corrente de testemunhos do plano divino de salvação.



O símbolo da morte





NOVOS IMPULSOS
NO CAMPO DE
TRABALHO DA
ROSACRUZ ÁUREA





MUITOS PROJETOS, GRANDES
E PEQUENOS, FORAM
REALIZADOS NOS SEGUINTE
PAÍSES, EM 1995: BRASIL,
CANADÁ, FRANÇA, GRÉCIA,
HUNGRIA, ITÁLIA, CROÁCIA,
HOLANDA, ALEMANHA,
POLÔNIA, PORTUGAL E SUÍÇA.

15 DE JANEIRO, EM ATENAS

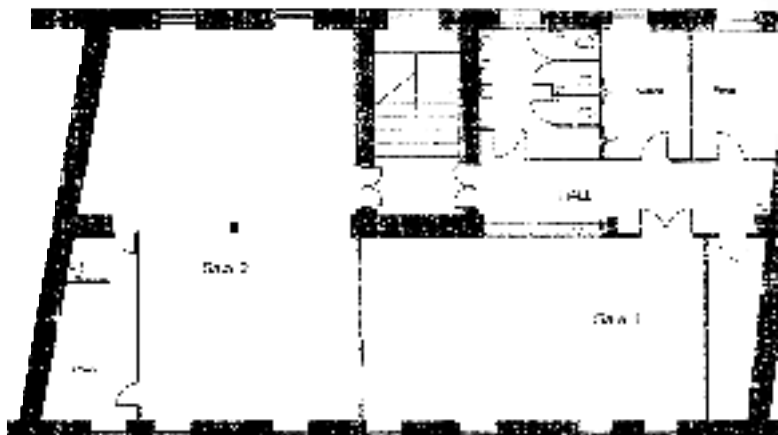
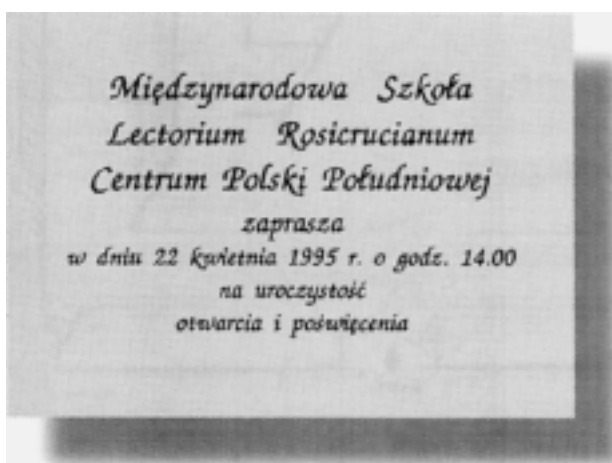
Em pleno centro da capital grega, na altura do Licabete, entre as ruas Hipócrates e Asclépios, encontra-se uma construção do século XIX: é o Núcleo de Atenas. A inauguração aconteceu na presença de alunos da França, da Suíça, da Alemanha e da Holanda. O templo foi construído para acolher cerca de 50 pessoas e também possui uma biblioteca, uma sala de silêncio, uma pequena sala de reuniões e um escritório. O endereço é : Odos Batatzi, 4.

SEGUNDO NÚCLEO DA POLÔNIA, EM KATOWICE

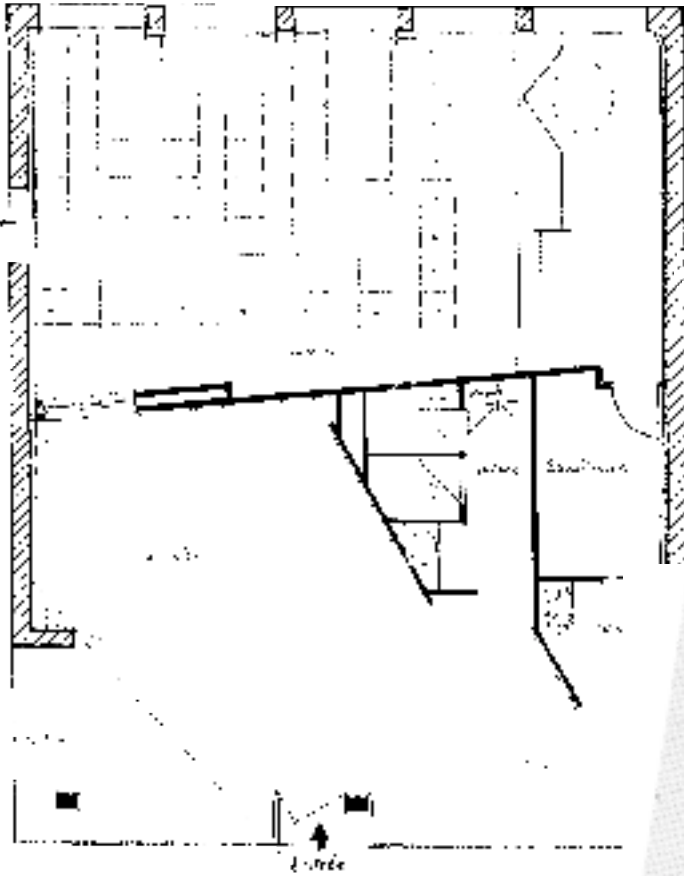
No dia 21 de abril de 1995, o Núcleo do Sul da Polônia abriu suas portas. O local, com cerca de 110 m² está situado perto da estação, no primeiro andar de um prédio tranquilo, no núcleo de um conjunto que conta com 8 milhões de habitantes. Por enquanto, o novo Núcleo pode receber 60 pessoas, mas já estão previstas algumas ampliações.

26 DE MAIO EM PÈCS, NA HUNGRIA

Em outubro de 1991, um grupo de alunos de Pécs, a 200 km de Budapest, recebeu a autorização de encontrar um Núcleo. No centro desta cidade de 180.000 habitantes, eles alugaram um local para onde instalaram um templo de 28 lugares, que logo ficou muito pequeno. Graças à sustentação financeira, tanto interna como externa, eles puderam adquirir uma casa que foi restaurada e para onde se mudaram na primavera de 1995. Foi no dia 26 de maio de 1995 que o 5º Núcleo húngaro foi consagrado para sua tarefa.



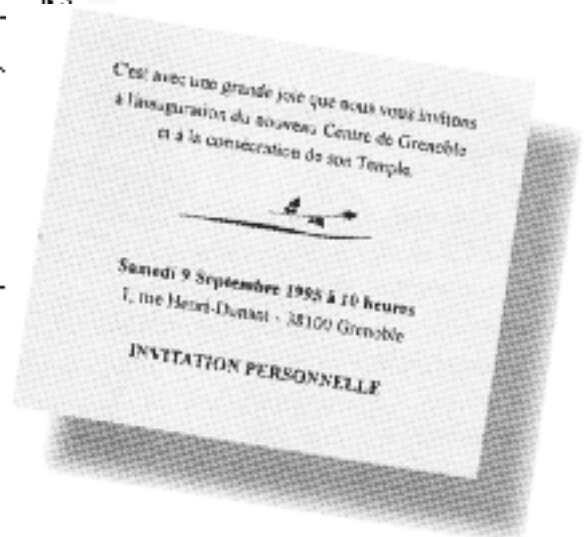
À esquerda:
futura sala
de reuniões em
Varsóvia, na
Polônia.
No alto:
plano geral do
Núcleo.



Plano e vista externa do Núcleo de Grenoble, na França.

9 DE SETEMBRO EM GRENOBLE, NA FRANÇA

No espaço de 8 meses os alunos fizeram de uma loja de 95 m² um Núcleo dotado de todo o conforto. Ele está situado no bairro "Les Eaux Claires", próximo da auto-estrada Paris-Lyon-Genebra. O Templo se encontra nos fundos e pode acolher 50 pessoas. Quatro grandes aberturas dão para o jardim fechado. O púlpito, a instalação elétrica, os banheiros e a pequena cozinha foram inteiramente construídos pelos alunos.

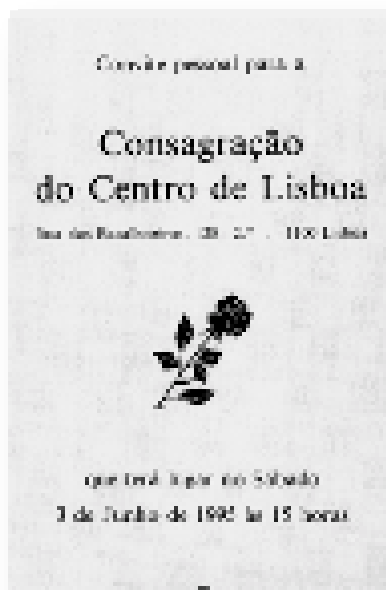


3 DE JUNHO, LISBOA, PORTUGAL

É perto do Tejo, no segundo andar de uma velha casa da rua dos Bacalhoiros, que está instalado o Núcleo de Lisboa. O Templo prevê 90 lugares e pode ser utilizado como sala de conferência. Em caso de necessidade, podemos dispor de uma salinha de reunião. A Direção do Núcleo elabora atualmente inúmeros projetos para expandir o trabalho de Portugal.

FREIBURG E SEU NOVO NÚCLEO

Em 26 de agosto, foi inaugurado o novo Núcleo de Freiburg, na Alemanha Meridional. Estas instalações, situadas na rua Brombergstrasse, 170, estão no centro da cidade, em um bairro tranqüilo. Eles podem acolher cerca de 80 pessoas. Este Núcleo oferece também possibilidades de ampliação.



Brombergstrasse
170, Freiburg, na
Alemanha.



Odos Batatzi 4,
em Atenas, na
Grécia.





Invitation to the
Conferences of the Center of Conferences
LA NUOVA ARCA
Montepalato - 47013 Loreto (Pesaro)
Saturday 7 October 1995, 10:00 - 11:00

Partecipazione gratuita su
invitativo del Centro di Conferenze
LA NUOVA ARCA
Montepalato - 47013 Loreto (Pesaro)
Sabato 7 Ottobre 1995 ore 10.00-11.00



No alto: Zagreb, na Croácia. No centro, à esquerda: Sutton, no Canadá. À direita: Pècs, na Hungria. Em baixo: jardim do Centro de Conferências "Fênix", em Lagoa Santa (MG), no Brasil.



EM ZAGREB, NA CROÁCIA

A 20 km de Zagreb foram construídas as modestas instalações do campo de trabalho croata. Realmente não foi fácil encontrar um local. Assim como em Varsóvia, em Zagreb há muito poucas escolhas e os preços são muito altos. Esta nova etapa é da maior importância para o campo de trabalho croata e sua futura expansão.

LA NUOVA ARCA, ITÁLIA, 7 DE OUTUBRO DE 1995, SÁBADO.

“Eis que virão dias em que estabelecerei uma nova aliança...” (Hebreus, 8:8).

A 7 km de Dovadola, situa-se o primeiro Centro de Conferências italiano. É um local excepcional. É aí que, há dois

Centro de Conferências “La Nuova Arca”, na Itália



A equipe da cozinha no Centro de Fênix, no Brasil.



mil anos, os primeiros cristãos que se encontravam nos arredores de Ravena foram perseguidos. Ao longo da história aí surgiram muitos espíritos esclarecidos: Dante Alighieri, (1265-1321); Giordano Bruno (1548-1600); Tomaso Campanella (1568-1639). Em 1º de agosto de 1909, diante da prefeitura de Dovadola foi colocada uma estátua em memória de Giordano Bruno, que havia sido queimado em Roma como herege. Giordano Bruno e Campanella foram considerados os precursores e os mestres da Rosa-Cruz alemã.



A difusão da doutrina gnóstica atual na Itália começou em 1980. Um ano depois, aconteceu a primeira conferência pública em Milão, onde foi aberto o primeiro Núcleo italiano, em 1983. Rapidamente foram sendo abertos os Núcleos de Turim, Nápoles e Roma; depois, a atividade propagou-se até Bolonha, Pádua e Oristano. No dia da inaugura-



Ao alto: o Núcleo de Varsóvia está no primeiro andar. No centro: vista de "La Nuova Arca", na Itália. Em baixo: O novo Centro de Conferências de Fênix, no Brasil.

ção, a 6 de outubro, foram recebidos amigos, famílias, fornecedores, e autoridades locais, a quem foi apresentado o trabalho gnóstico atual. “La Arca Nuova”, a Nova Arca, encontra-se no alto de uma montanha de onde se pode olhar para todos os lados e ver as magníficas paisagens entre Bolonha e Ravena. O conjunto compreende duas alas de construção e a torre de entrada do centro. O Templo pode abrigar cerca de 180 pessoas, assim como o refeitório e os dormitórios.

NÚCLEO DE VARSÓVIA, PRONTO 30 DE MARÇO DE 1996

Varsóvia, na Polônia, tornou-se uma capital em plena expansão. É a porta da Europa do leste. Os alunos alugaram instalações de aproximadamente 240 m² e mudaram-se para lá. É um templo para 150 pessoas, com uma bela sala de contato, um escritório e salas de reunião. A inauguração aconteceu em 30 de março de 1996.

CENTRO DE CONFERÊNCIAS “FÊNIX”, EM LAGOA SANTA, BRASIL

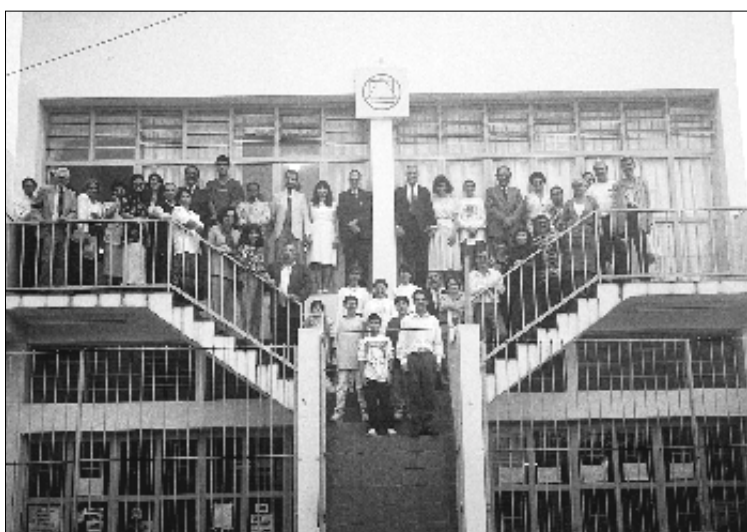
A 30 km de Belo Horizonte em um terreno de cerca de 11.000 m², foi construído um centro de conferências que inclui um prédio especial para o Trabalho da Mocidade. Atualmente, a biblioteca serve como templo, enquanto se espera o templo definitivo, previsto para 450 pessoas, e que estará terminado no final de 1996. Em seguida, virá a construção dos dormitórios, previstos para 200 pessoas.

NOVOS NÚCLEOS BRASILEIROS

Em novembro de 1995, foram terminados os Núcleos de Lorena e de Vitória

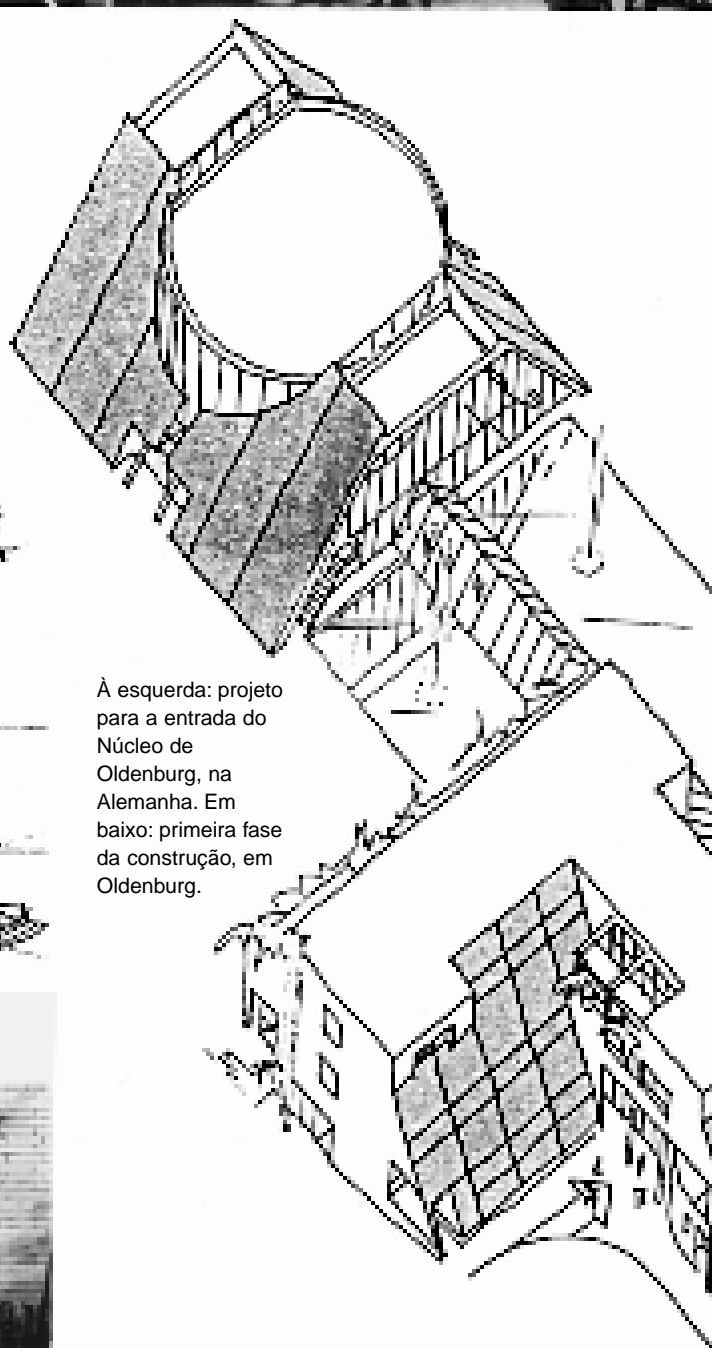
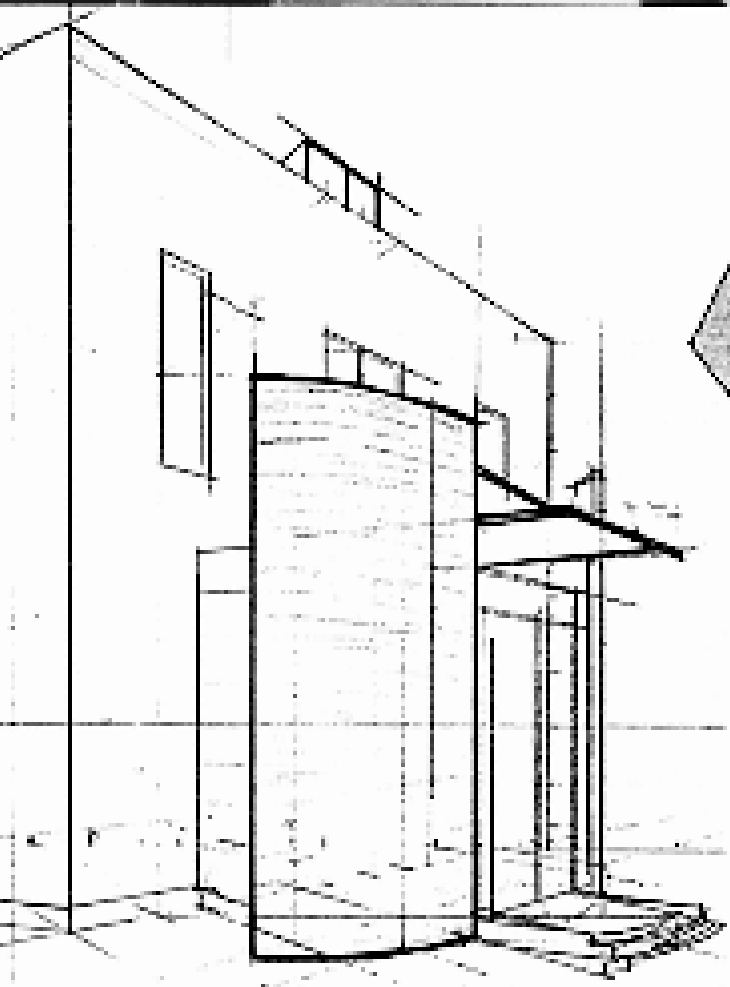


Núcleo Vitória



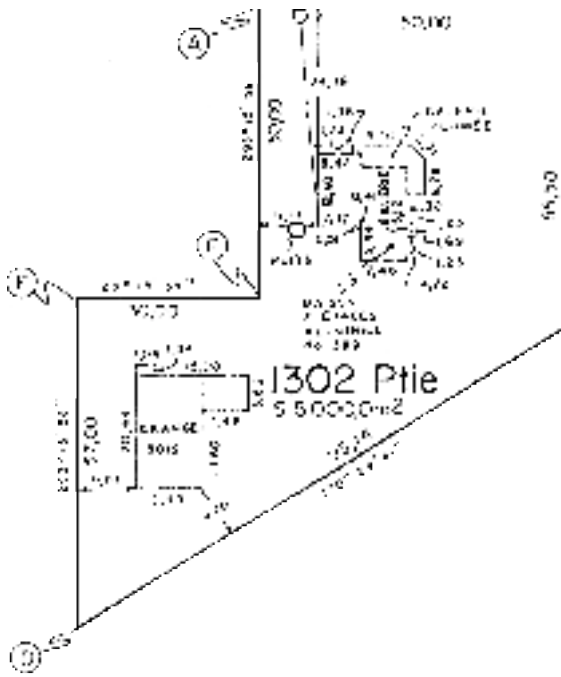
Núcleo Lorena

ria. Agora, o Brasil conta com 10 Núcleos. Em São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Patos de Minas, Marília e Fortaleza há Conferências mensais de renovação; e em Itapetininga, Lorena e Vitória, serviços dominicais. Em Bauru, Ponta Grossa, Porto Alegre (a 1.250 km de São Paulo), Salvador, Cuiabá, Belém, Manaus (a 2.100 km de Brasília) e Campinas há aulas de contato para o público em geral. Para os alunos brasileiros é comum viajar dois dias para assistir a uma conferência e ir embora em seguida. A distância entre São Paulo e Fortaleza, por exemplo, é de 3.000 km, o que equivale à distância entre Helsinki e Bucareste, ou entre Londres e Istambul, ou entre Atenas e



À esquerda: projeto para a entrada do Núcleo de Oldenburg, na Alemanha. Em baixo: primeira fase da construção, em Oldenburg.





CENTRO DE CONFERÊNCIAS DE SUTTON, NO CANADÁ.

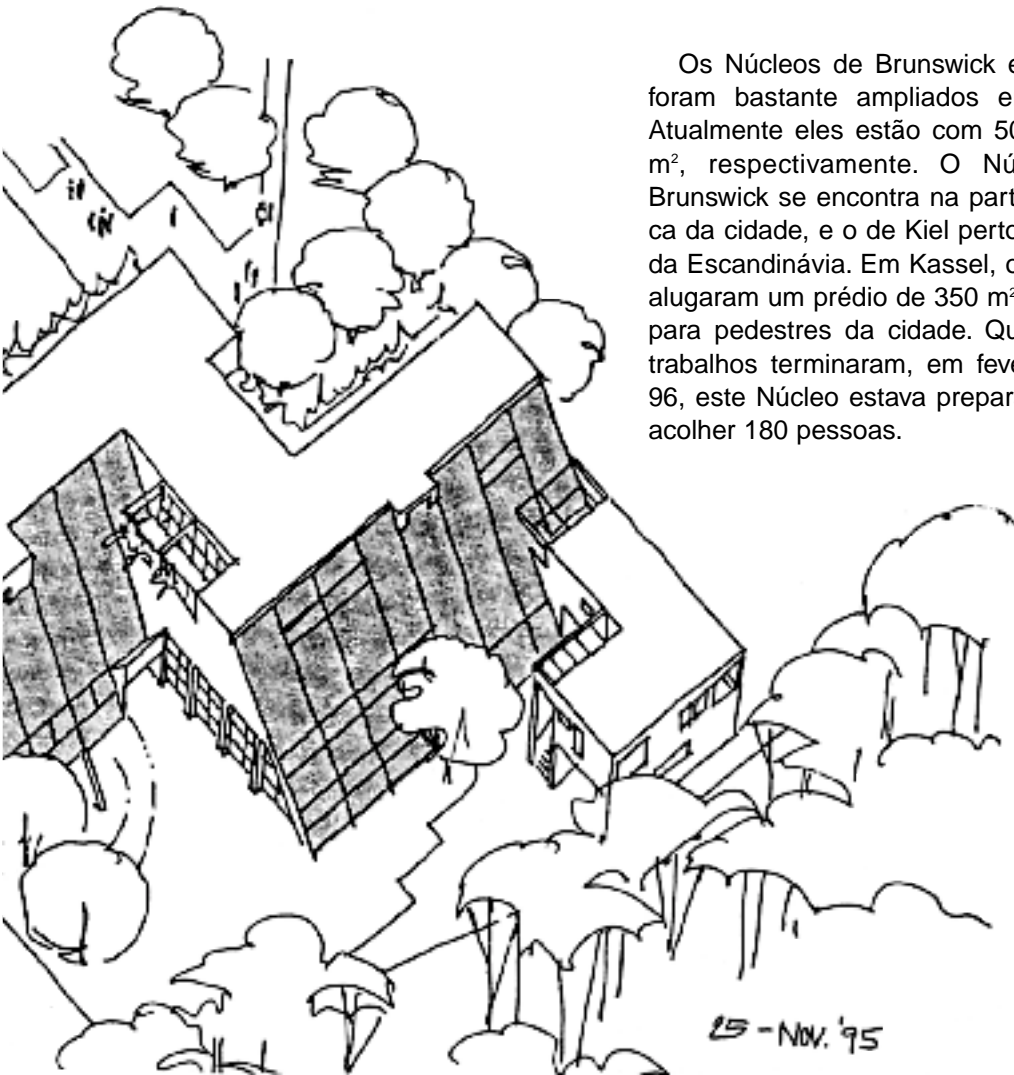
O terreno do Centro de Conferências de Sutton, Canadá.

Em 10 de novembro, os alunos do Canadá francês adquiriram um terreno de 30.000 m² nas montanhas de Vermont, próximo à fronteira dos Estados Unidos. Além disso, alugaram (com direito de compra) 4 hectares de floresta que cercam o terreno. O prédio atual compreende um refeitório e dormitórios para 80 pessoas. Atrás dele, está prevista a construção de um templo para 150 pessoas. Os trabalhos de renovação do refeitório e da cozinha já começaram e o Templo ficará pronto no outono, pois as condições climáticas não estão favorecendo a construção.

Página 24, à esquerda: a sala do Núcleo de Brunswick, na Alemanha. À direita: no segundo andar, o Núcleo de Kassel.

REFORMAS NA ALEMANHA DO NORTE

Os Núcleos de Brunswick e de Kiel foram bastante ampliados em 1995. Atualmente eles estão com 500 e 360 m², respectivamente. O Núcleo de Brunswick se encontra na parte histórica da cidade, e o de Kiel perto do Cais da Escandinávia. Em Kassel, os alunos alugaram um prédio de 350 m² na zona para pedestres da cidade. Quando os trabalhos terminaram, em fevereiro de 96, este Núcleo estava preparado para acolher 180 pessoas.



Primeiro projeto para o terceiro Centro de Conferências da Alemanha.

No alto:
Bergen op
Zoom, o 14º
Núcleo holan-
dês. No centro:
construção do
novo Templo,
em Benin, na
África. Em
baixo: entrada
lateral do
Núcleo de
Edea, na
República dos
Camarões, na
África.

UM TERCEIRO CENTRO DE CONFERÊNCIAS NA ALEMANHA

Foi em 15 de novembro de 1995 que foi comprado o terceiro Centro de Conferências da Alemanha. Ele está situado na floresta de Altenkirchen, na região de Westerwald, a meio-caminho entre Frankfurt e a bacia do Ruhr. O terreno possui cerca de 24 hectares e tem seu próprio acesso por Birnbach. Atualmente aí se encontram 5 prédios e uma pequena escola. A planta representa o primeiro projeto de construção do conjunto dos Templos e dos dormitórios.

COMPRA DE UM PRÉDIO PARA O NÚCLEO DE OLDENBURG

O grupo de Oldenburg comprou um prédio de dois andares, bem perto da cidade de Oldenburg. Esta compra foi inteiramente financiada pelos alunos. Este novo Núcleo poderá abrigar 180 pessoas. É o primeiro Núcleo da Alemanha do Norte que é propriedade do Lectorium Rosicrucianum. Todos os outros são alugados. Os trabalhos serão finalizados em 1996.



BERGEN OP ZOOM, 14º NÚCLEO DA HOLANDA

O número de alunos do sudoeste da Holanda é grande. Por isso, agora podem contar com seu próprio Núcleo. Em "Blauwe Handstraat", a rua da Mão Azul, eles alugaram uma área de 210 m², onde foi instalada uma bela sala que serve de Templo e de sala de reuniões para 125 pessoas. Um outro cômodo pode também servir de sala de reuniões e o campo de Trabalho da Mocidade contará com uma sala especial. A inauguração deste 14º Núcleo holandês estava prevista para abril de 1996.

NOVAS CONSTRUÇÕES NA REPÚBLICA DOS CAMARÕES E NO BENIN

Na República dos Camarões (África do oeste), mais precisamente em Edea, que fica a uns 200 km ou mais de Yaoundé e a 50 km do grande porto de Douala, está prevista a construção de um templo. Segundo o projeto, ele poderá estar pronto em fevereiro de 1996. Perto de Djéregbé, a cerca de 25 km de Cotonou, que é a capital do Benin, foi colocada a pedra fundamental do Templo de um futuro Centro de Conferências. Esperamos que ele também possa estar terminado neste ano.

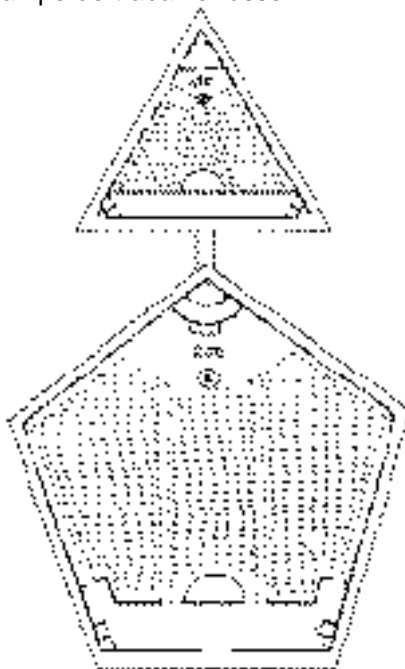
NOVOS LIVROS EDITADOS PELA ROZEKRUIS PERS

Em 1994, foi editado pela Rozekruis Pers o primeiro livro traduzido em russo: A Gnosis Universal, de Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri. A Rozekruis Pers editou 72.000 exemplares, entre eles 36 títulos em alemão, inglês, francês, grego, húngaro, italiano, holandês, russo, espanhol e sueco. Em 1995, foram editados 45 títulos em 12 línguas (inclusive polonês). No total, foram edi-

tados 85.000 exemplares, entre eles o primeiro livro traduzido para o tcheco: A Filosofia Elementar, de Jan van Rijckenborgh. Em 1995, a revista Pentagrama foi editada em 11 línguas, à razão de 15.000 exemplares por número.

UM CENTRO DE CONFERÊNCIAS EM KAMIENSK, NA POLÔNIA

Depois de 6 anos de busca, os alunos compraram um terreno de 11 hectares no centro da Polônia, no início de janeiro de 1996. Esta compra foi financiada pelos fundos de construção, para o qual contribuíram muitos amigos do campo de trabalho polonês. Neste terreno — que parece bastante com o de Noverosa, no início — há alguns prédios grandes e 24 casas de verão. A direção polonesa, em colaboração com a Alemanha Setentrional, fez planos para instalações que possam abrigar 600 pessoas. É preciso reformar tudo completamente, mas o objetivo é poder realizar as Conferências de Renovação a partir de julho. Este primeiro Centro de Conferências polonês é de fácil acesso por trem ou de carro — assim como ao campo de trabalho russo.



Planta do Centro de Conferências do Benin.

A CONQUISTA DA IMORTALIDADE

Conta-se que nos Upanishadas um homem que estava em busca da verdade, chamado Nachiketos, disse a Yama, o Senhor da Morte: “Quando alguém morre, há sempre uma dúvida. Uns dizem que a pessoa está morta, outros que ela não está. Ensina-me, eu quero saber a verdade. Diz-me o que se passa no além”.

Mas o Senhor da Morte não abre seus segredos aos indignos. Por isso, ele provou Nachiketos, respondendo-lhe: “Pede-me o que desejares: ser dono de um grande país; ser um rico proprietário de gado, elefantes, ou cavalos; ou então, pede-me para desfrutar de vida longa, acompanhada de todas as alegrias difíceis de se juntarem neste mundo de mortais — eu te concederei tudo isto. Mas, Nachiketos, não me perguntes nada a respeito da morte!”

E assim Nachiketos reagiu a esta tentação, dizendo: “Quais são, ó Deus da Morte, as alegrias que privam os sentidos de sua acuidade? Guarda teus cantos e tuas danças. A possessão não traz nenhuma alegria. Quando alguém te contempla uma só vez, nenhum bem vale mais. Entretanto, continuamos vivos desde que tu nos ordenes. É por isso que eu continuo fazendo a pergunta que já te fiz”.

Yama, tendo reconhecido nesta palavras de Nachiketos que ele era um sincero buscador, apressou-se em explicar-lhe o mistério da morte: “Tu renunciaste com firmeza e sabedoria à satisfação de teus desejos terrestres, a tudo o que constitui a coluna deste mundo — uma vontade sem freio. Saiba que existe um reino ao qual eu não tenho aces-

so, no qual eu não tenho nenhum poder, onde sou desconhecido. Quem entrar neste reino triunfa da morte e se torna imortal”.

Mas Nachiketos, impulsionado pelo desejo de encontrar a solução do enigma da vida, continuou perguntando: “Diz-me, ó Yama, o que vês além da morte e da vida, além do passado e do futuro!”

“Aqueles que estão cheios de sua própria sabedoria vagueiam na ignorância, pois eles só pensam na existência terrestre e não no mundo divino. Eles acreditam saber bastante, mas sempre acabam sob meu poder”, disse Yama.

E ele instruiu Nachiketos, dizendo: “O ser humano deve escolher entre dois caminhos que não têm o mesmo fim, mas que sempre estão diante dele: a ignorância ou o que é conhecido como a sabedoria”.

COMO CHEGAR AO VERDADEIRO CONHECIMENTO

“É difícil chegar ao conhecimento que se reporta ao mundo superior. Muitos não estão habilitados a perceber nada disso. E muitos daqueles que podem, não chegam a discernir verdadeiramente. No coração humano habita o antigo deus Brahma, também chamado de Atman. Ele é menor que um átomo, maior do que tudo o que é grande, eterno, sem começo nem fim. Quem percebe Atman atinge o saber supremo, saber que não é possível obter por meio de sacrifícios, curiosidade, ou raciocínio lógico. Quem não quer renunciar ao curso errado de sua vida não conhece a paz interior; o tormento mora em seu coração, que não pode chegar à verda-

deira sabedoria. Mas aquele que consegue alcançar a paz, liberto de todos os desejos, haverá de contemplar o esplendor de Atman pela graça de Brahma. Ele alcança a felicidade, Nachiketos! Para ele, o reino da imortalidade é aberto. Ele está liberto do Dragão da morte por toda a eternidade.”

A Kathaka-Upanishad indica claramente uma das bases da Doutrina Universal, o princípio das duas ordens de natureza: o Reino da Morte como princípio de tudo o que é manifestado, e o Reino da Eternidade, como princípio do não-manifestado.

O REINO DA MORTE

Tudo o que é manifestado é limitado pelo espaço e pelo tempo, pela causa e pelo efeito, e portanto está submetido às mudanças. Ora, o que é submetido a mudanças pertence ao reino da “ignorância”. É por isso que a Morte diz: “Quem vive nas trevas da ignorância cai sempre sob o meu jugo. Fica acorrentado a uma existência enganosa e dolorosa, renascendo sem parar, e sempre morrendo”. Mas a maioria das pessoas nada sabe sobre esta realidade. Não se diz que: “Ninguém conseguiu vencer a morte?” Ora, é justo o contrário. Não há ninguém que já não tenha morrido muitas vezes antes de voltar a esta vida. Melhor ainda: os vivos e os mortos vivem dentro das mesmas fronteiras, separados somente por um véu.

A consciência-eu está ancorada na matéria densa e, em princípio, não tem acesso ao reino dos mortos. Para ela, a morte é a última fase da vida terrestre. É com os olhos nesta triste realidade que Jób clama (14: 1,2,7,10,14): “Ó homem nascido de mulher! Sua vida é curta, e é sempre agitada. Ele nasce, é cortado como uma flor. Ele foge e desaparece como uma sombra... Uma árvore tem esperança: quando a cortamos, ela renasce, ela ainda produz alguns brotos... Mas o homem morre, ele perde

sua força; o homem expira, e onde ele está? Se o homem que morre pudesse reviver...”

Todo o tipo de técnica pode desvelar o subconsciente para a consciência comum. Muitos se esforçam para chegar a conhecer suas vidas passadas e para saber qual foi seu ciclo de vida e de morte. Deste modo, eles tomam por evidente e certo que a morte não é um fim, mas uma porta para uma existência posterior. Nachiketos, entretanto, não está procurando fazer a ligação entre uma vida passada e a vida seguinte. Ele deseja a sabedoria divina para compreender a razão do curso cíclico de sua vida. Ele quer saber como vencer o poder da vida mortal e atingir a imortalidade, a vida eterna.

OS NOVOS PODERES ANULAM A LEI DA ANTIGA VIDA

Para começar, a Morte estabelece muito claramente que é impossível compreender ou descrever a vida imortal por meio do intelecto. A consciência nascida de uma natureza fechada sobre si mesma e composta de elementos desta mesma natureza não pode ultrapassar os limites. Yama não pode indicar o caminho que leva à imortalidade, e Nachiketos é o homem que deve segui-lo até o fim. Conduzido por um desejo profundo e sincero, ele deve atravessar o deserto de sua própria ignorância para atingir o limite de suas possibilidades terrestres. O que se encontra por detrás de tudo isto lhe será revelado no caminho, e ele irá obtendo os poderes que lhe permitirão ultrapassar a fronteira que separa a existência mortal da vida imortal.

O JARDIM SAGRADO, CHEIO DE

*Onde o espírito sai do terrestre rumo
ao celeste, do corporal ao
espiritual.*

COLHE A ROSA ENTRE OS ESPINHOS

Ao leitor:

*Se, ao ler meus versos, guardares o
coração frio, teu coração ficará mais
frio ainda. Mas se tens o coração cheio
de amor, arderás como o fogo que faz
arder minha Musa e que abrasa meu
amor.*

I. O PÁSSARO NA GAIOLA

*O Senhor está atento ao pássaro na
gaiola; e, por sua vez, o pássaro na
gaiola está atento ao Senhor e lhe dá
seu canto como oferenda.*



XXXII. LEVANTA, Ó TU QUE DORMES

*Homem imortal! Por que este torpor?
Tu que nasceste para a eternidade, de
onde vem um sono tão pesado?
Levanta-te, abre os olhos, arranca de ti
a sonolência que te abate: o Reino dos
Céus exige uma força viril!*

XIX. SAIR DE NÓS MESMOS PARA CHEGAR A DEUS

*Rejeita as trevas, se queres ser preen-
chido pela Luz. Não queres abrir-te a
Deus? Renuncia ao amor do mundo, a
todas as esperanças em ti, a todas as
esperanças no mundo e em toda a
criação — então tua esperança perma-
necerá com Deus e somente em Deus.*



IX. O AMOR REVIVIFICA TODAS AS COISAS

*A quem atribuir a maior força, a maior
glória: ao Cristo ou à Serpente?
A Serpente tem o poder de tudo matar;
o sangue de Cristo, de tudo revivificar.
Mais forte que o inferno, mais forte que
o ódio, é o Amor. A Água eterna é mais
forte que o fogo. A Luz expulsa todas
as trevas, a vida expulsa toda a morte.
O Amor mortifica para o bom fim e o
Amor conduz à vida!*



FLORES, CORES E PERFUMES*

XXXVII. O LÍRIO ENSINA OS MORTAIS

Ó, homem mortal, tu que desabrochas como a flor, como ela murchas e apodreces na terra! Olha-me: elevo-me do solo e me posiciono em direção ao céu; contempla meus pistilos de açapão. Vê a ordem, a textura, a forma de minhas pétalas e quantos remédios rescendem de mim! Nenhuma arte pode imitar minha cor; nunca sentistes perfume igual ao meu. A meu lado, é pálida a glória de Salomão. Minha brancura é a honra da virgindade imaculada. Vivo e morro, mas ressuscito da morte. E a primavera me dá vida, o inverno cruel me mata.

*Homem mortal, considera-te observando minha imagem viva. Aprende, com minha pureza, a viver e a morrer**.*

Minha vida é breve, a tua não é mais do que isto! Menospreza o que é perecível. Vem comigo e eleva a cabeça da terra rumo às alturas. Olha-me e deplora teu destino: nós dois desapareçeremos!

Com o que perece, eu pereço; com o que retorna, eu retorno. Do mesmo modo que eu morro, tu morres, assim como todas as coisas criadas. Do mesmo modo que eu ressurjo da morte, tu ressurges dela.

Por tua vida e tua conduta, continua em agradável perfume a Cristo, como meu perfume que penetra tuas narinas. Cresço e desabrocho para ti; verdejo, floresço e perfume. Cresce e floresce do mesmo modo na nova vida. Eu morro completamente. Diz-me onde se oculta a vida que foge e retorna.

* Extraído de: *O Mistério da Cruz* (1732). O autor, Douzetemps, era um protestante francês que se refugiou na Suíça por causa de sua fé. Acusado de ter tentado envenenar Augusto, eleitor da Saxônia e rei da Polônia, ele foi preso no forte de Sonnenstein. Diz-se que, durante sua prisão, ele escreveu uma série de poemas herméticos em latim. Dentre estes, a Redação de Pentagrama escolheu alguns que são apresentados em uma tradução em forma de paráfrase.



** Estas idéias também se encontram em Jacob Boehme e Angelus Silesius.

CONSEQÜÊNCIAS DO TREINAMENTO DA VOZ E DA RESPIRAÇÃO

Muitas razões podem levar alguém a querer treinar sua voz e sua respiração. Por exemplo: para cantar melhor, para criar alguns efeitos, para influenciar conscientemente um auditório, ou para colocar seu sistema biológico em equilíbrio com as forças da natureza. Mas tentemos mostrar o que se passa quando submetemos nossa respiração e nossa voz a um certo treinamento.

Há pessoas que se esforçam em modificar sua personalidade por meio de exercícios. É certo que este tipo de método dá satisfação àqueles que estão completamente voltados para a vida material. Deste modo, é realmente possível burilar as asperezas da personalidade, ou até mesmo fazer com que desapareçam completamente. A personalidade torna-se muito mais agradável do que é na realidade, e mais habilitada a ter sucesso na sociedade. A maioria destes métodos didáticos e pedagógicos é desenvolvida com esta finalidade.

A respiração está ligada ao sistema nervoso simpático. Em condições normais, cada um respira para estabelecer o estado de equilíbrio necessário. O ritmo e a profundidade da respiração são determinados pela necessidade de oxigenar o sangue e estão mudando constantemente. A respiração é um processo absolutamente individual, que reage a todos os impulsos e emoções da alma, dirige os processos energéticos do corpo e está sempre sintonizada a seu estado interior. No caso de tensão nervosa, a respiração se acelera e muitas pessoas procuram aliviar-se suspirando profundamente para restabelecer o equilíbrio e neutralizar o stress. Na

maior parte do tempo, este processo regulador acontece de forma totalmente inconsciente.

Deste ponto de vista, a respiração é um ato mágico, uma expressão da vida da alma. Pela utilização consciente de certas técnicas respiratórias, nós interferimos no processo natural de reação espontânea às influências que agem sobre o sistema nervoso simpático.

TÉCNICAS RESPIRATÓRIAS PARA ELIMINAR CONFLITOS INTERIORES

Há alguns métodos que permitem adaptar a respiração a certas condições. O Pranayana acentua principalmente a retenção da respiração pelo tempo mais longo possível. Outros métodos utilizam o estado de transe, algumas danças ou a hiperventilação. Este último método visa principalmente saturar o sangue de oxigênio durante um certo tempo, o que faz descobrir novos horizontes. Mas será que é prudente aprender, por exemplo, a manter a respiração em caso de stress para relaxar momentaneamente o organismo?

Quem já batalhou bastante na dialética e quer consagrar-se ao verdadeiro objetivo da vida, percebe que este tipo de técnica pode ser bastante nocivo ao desenvolvimento espiritual correto.

Mas, quem não aspira à harmonia e à paz da alma? Não é normal que optemos pelo método mais rápido de relaxamento? De qualquer modo, este método não elimina os conflitos psíquicos que o sistema nervoso manifesta. Os sintomas exteriores que servem para atrair a atenção para os desequilíbrios, forçam a buscar a causa dos conflitos, para reconhecê-las e fazer com que desapare-

çam. Entretanto, se o homem moderno pode facilmente escapar a este confronto com o auxílio de técnicas e de meios que lhe trazem um alívio temporário, ele mascara assim a verdade de sua própria existência, pois as verdadeiras causas continuam intactas.

DESARMONIA FUNDAMENTAL DA SOCIEDADE

Inalando o oxigênio pela respiração, absorvemos também gases nobres e todos os tipos de substâncias e de radiações que enchem a atmosfera. Todas estas substâncias e radiações penetram no sangue pelos pulmões e aí vão agindo. Mas, quando os pensamentos, as palavras e as ações estão voltados exclusivamente para as esferas inferiores, impuras, animais, então assimilamos radiações e substâncias que estão em concordância com elas. A esfera individual é preenchida por estes elementos que determinam qual será a etapa seguinte para a personalidade. Assim o pensamento e a atividade estão em estreita relação com nosso campo de respiração. E, como o campo de vida terrestre atual da humanidade é diametralmente oposto ao campo de vida original, os comportamentos suscitados pela atmosfera que nos rodeia também o são. É por este processo que se dá a desarmonia fundamental do campo de vida terrestre.

Mas o ser humano também pode receber as radiações puras que Deus envia para ele. Todos os seres humanos são banhados por estas radiações, que apenas esperam ser recebidas. Elas “chamam” a todos, por assim dizer, e incitam a um desenvolvimento espiritual que conduz para além dos limites materiais. Como elas são assimiladas ao mesmo tempo que as forças terrestres — com a condição de que sejamos receptivos a elas — podem desencadear um grande conflito interior. Ora, este conflito, esta desarmonia, é a cruz

à qual a humanidade está pregada. É o símbolo do tormento incessante que impulsiona tantos seres humanos a buscar uma saída. No evangelho, Cristo diz: “Eu não vim para trazer a paz, mas a espada!” Este conflito interior é a consequência da queda, e do Plano de socorro a ela correspondente, concebido pelo Criador. Somente quando o homem souber colocar seus atos e pensamentos em harmonia com os influxos puros deste plano divino é que o campo de oposição se desintegrará.

DESENVOLVIMENTO DE UMA NOVA RESPIRAÇÃO

Todos nós somos mantidos artificialmente, por assim dizer, em um estado de tensão: somente um comportamento basicamente diferente pode libertar-nos. Quem consegue assimilar as radiações renovadoras do plano divino, consegue normalizar os conflitos inerentes a sua existência. É claro que é um processo que exige todo o nosso esforço e toda a nossa atenção. Alguns exercícios respiratórios podem dar uma impressão de paz e de equilíbrio, enquanto que interiormente as paixões continuam a causar um mar de sentimentos contraditórios. Neste caso, não somos mais do que um “sepulcro caído, cheio de ossos e de veneno”! Evitar sentimentos por meio de técnicas respiratórias jamais pode dar resultados duradouros, nem aniquilar os efeitos do karma. Por meio dos exercícios respiratórios, tentamos forçar uma situação sem mudá-la verdadeiramente em nosso interior. Enfim, estas práticas somente podem danificar os diferentes corpos do homem.

As técnicas forçadas de dicção e canto também podem ter consequências prejudiciais. A influência das radiações regeneradoras do plano divino é freada quando o eu, a personalidade, se recusa a entregar-se e escolhe o caminho inverso, tentando armar-se. O que é determinante, é o motivo que nos impulsiona

na a aprender. O conferencista ou o músico que tenta neutralizar a esfera de influência da personalidade em proveito do desabrochar da nova alma não vai treinar sua respiração ou sua voz para aperfeiçoar-se, mas para melhor atingir seu auditório e colocá-lo diante de novas possibilidades espirituais.

À medida em que o único conflito da existência se aclara no caminho de libertação, o campo de respiração vai purificando-se progressivamente, e a respiração torna-se harmoniosa e a fala perde sua rudeza dialética, sem se forçar. Realmente, quando atingimos o objetivo da vida, a respiração e a fala testemunham este novo estado de consciência que é o resultado delas.

Caras leitoras, caros leitores

Se aí, no campo de trabalho da Rosacruz Áurea existirem novos impulsos, como os que tratamos neste número (da página 15 a 27), pedimos enviar fotos e textos.

Redactie Pentagram,
Renova, Maartensdijkseweg1,
NL-3723 MC Bilthoven

CINQUENTA ANOS DE PAZ?

Cinquenta anos se passaram desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Há cinquenta anos a humanidade foi libertada de um poder cujo objetivo era a dominação do mundo. Apesar de nem todos os tratados de paz que se seguiram terem sido assinados ainda, dizem muito naturalmente que tivemos “cinquenta anos de paz”. Será que isto é verdade? A paz realmente está reinando no mundo desde esta época?

O que compreendemos por paz? Seria “ausência de guerra”? Deste ponto de vista, é certo que não houve meio século de paz sobre a terra. Se pensarmos nos acontecimentos das últimas décadas, podemos dizer, ao contrário, que não houve sequer um dia sem combate! No final de 1995, contavam-se 27 milhões de refugiados no mundo! Apesar de todos os esforços feitos pela paz, apesar de todos os apelos e manifestações, marchas e orações pela paz, apesar da pesquisa científica e até mesmo dos prêmios Nobel da paz, ainda não houve sequer um instante em que o sangue deixou de correr sobre a terra. Respondendo à pergunta: “Será que finalmente vai haver paz?” diremos simplesmente: “Não!”

Por que uma conclusão tão pessimista? Isto está bem claro. O mundo é um campo de existência em que reinam os opostos. Tudo o que aqui se mantém ou faz parte deste mundo, segue necessariamente a lei natural: “Engolir ou ser engolido!” Na terra, todas as formas de vida existem em dependência umas das outras. Em biologia, a interdependência dos diferentes reinos é tomada como

ponto de partida dos modos de comportamento dos vegetais, dos animais, e dos homens. A terra, o sistema solar, o universo inteiro fazem parte do processo de “nascimento, crescimento e morte”. Demonstra-se isto de modo puramente científico. Entretanto, o homem faz como se isto não fosse nada, e se agarra ao desejo de estabelecer a paz, mesmo quando está em combate! Que paradoxo!

Não seria uma forma de egocentrismo: esforçar-se para conseguir o equilíbrio e a paz, de preferência com os outros ou então à custa dos outros?

UM “ELEMENTO” DE PAZ

Por que o ser humano se sente impulsionado a fazer reinar a paz? E de que paz estamos falando? Da existência de todos os povos sem lutar uns contra os outros, ou da paz interior do coração e de um modo de vida infalível que não precisa mais de nenhuma luta, porque quem provocou a luta, o eu, já desapareceu?

No microcosmo, o pequeno mundo particular do homem, encontra-se uma semente divina que é a própria base da paz real, pura e inviolável. Este elemento de paz é um vestígio do campo de vida divino, ao qual todos os homens já pertenceram. Depois de um acidente, em um passado remoto, o microcosmo teve de deixar este campo de paz e teve de submeter-se a um processo de formação, de manifestação, de rompimento, morte e novo nascimento, a fim de ir progressivamente tomando consciência de sua queda.

A lei divina diz: “Receber a força é utilizá-la para cumprir o plano de Deus”.

Mas uma parte da humanidade original perdeu a capacidade de cumprir esta lei. Ela recebeu bem a força, mas a empregou para realizar seus próprios desígnios. Ora, é a esta parte que pertence a humanidade terrestre.

Esta situação acabou trazendo conseqüências más, pois esta parte da humanidade estava voltada para a realização de seu ser pessoal e assim, viu-se em contradição com o plano divino. A queda, no decorrer da qual as forças contrárias foram-se excluindo umas às outras, era inevitável. O homem original vivia em um reino de paz; o comportamento do homem terrestre desencadeou situações conflitantes. O que era destinado a todos foi usurpado por alguns. Não foi sempre este fato que originou inúmeras guerras?

OS DOIS COMPONENTES DO HOMEM

Cada um por sua vez, comete pelo menos uma vez este primeiro pecado, seja em grande ou pequena proporção: o desvio do plano divino. Existem duas tendências no homem: o desejo de atingir a paz eterna, e o desejo de ganhar uma vantagem temporária, baseando-se em seu egocentrismo, em sua sede de possuir o que pertence à própria criação.

O egocentrismo tornou-se tão forte no decorrer do desenvolvimento da terra que a maioria dos seres humanos não ouvem mais o apelo divino que tenta despertá-los, ou apenas o ouvem muito vagamente. Em todos os setores, o egocentrismo e a crítica que dele decorre podem ser percebidos claramente; os conflitos são a seqüência lógica.

Na Primeira Epístola de João, capítulo 2, versículos 15 a 17, há uma advertência: "Não ameis o mundo, nem as coisas que são deste mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está com ele; pois tudo o que está no mundo, o desejo da carne, o desejo dos olhos, e o orgulho da vida, não vêm do Pai, mas

vêm do mundo. E o mundo passa, e seus desejos também; mas aquele que faz a vontade de Deus, permanece eternamente".

CRÍTICA, DESEJO, ANSEIO PELO PODER

Os pontos mais importantes desta citação do Novo Testamento são os seguintes:

- apego aos valores mutáveis deste mundo, na ignorância de que todos estes pretensos tesouros não são duráveis e obedecem, portanto, à lei dialética de "ascensão, brilho e queda";
- o desejo desviado para os interesses terrestres sem nenhum conhecimento das leis divinas;
- a busca de grandeza e poder, o que gera a crítica.

Estas três tendências estão presentes em todos nós: ninguém pode negar. Para atingir estes objetivos, alguns se servem de seu poder intelectual, outros, de sua habilidade, ou de sua astúcia. Há muita gente que submete e explora aqueles que são inferiores a ele. Assim, grandes e pequenas guerras vão estourando em todos os níveis. Como falar de "paz", quando o desenvolvimento completo do homem, verdadeiro quebra-cabeças, não está terminado? Todos os homens, sozinhos, ou com seu próximo, lutam diariamente contra uma série de conflitos cuja origem é o egocentrismo, a crítica, os desejos e o anseio pelo poder.

Só o fato de o microcosmo ter de reencarnar incessantemente neste campo de vida para admitir um novo ocupante mostra que ainda não existe dentro dele nenhuma paz.

Todas as crianças recebem uma herança de seus pais. E também há desejos e experiências terrestres ainda não assimilados pelos que vieram antes dele que se vão sucedendo no microcosmo. É isto que determina não somente a

oposição à libertação, mas também a tudo o que não é biologicamente reconhecido como “seu”. O microcosmo é o campo de vida onde o antigo deve desintegrar-se e o novo realizar-se. A herança sanguínea e as experiências do microcosmo formam o caráter, o quadrado onde esta nova vida deve realizar-se.

Com a vantagem ou com o peso desta herança, o ser humano se debate na vida. Ele conta com vantagem, se lhe transmitiram experiências, pois ele pode evitar inúmeros erros e já não tem necessidade de ficar vagando por certos caminhos. Quem se pergunta desde sua juventude qual é o sentido da vida e da causa de sua presença sobre a terra recebe a resposta certa na hora certa, e o caminho certo lhe é indicado.

Mas ele deverá passar ainda por muitas batalhas, pois o apelo da terra às vezes é mais forte que o apelo divino. Entretanto, se os valores que ele herdou são positivos, ele vencerá e “fará frutificar seus talentos”, o que significa que ele se beneficiará de sua base positiva, empregará os valores presentes nele para rejeitar o fardo terrestre, romper os laços e livrar-se dos obstáculos do caminho de volta à natureza divina. Trata-se também de uma batalha, mas de uma batalha interna, que conduz finalmente à verdadeira paz interior.

Quem herda uma base de vida menos positiva ainda vai ter de viver muitas experiências para aprender a discernir a lei espiritual e para poder aceitá-la como diretriz de sua vida.

AQUELE QUE “FALA” DE PAZ...

Aquele que fala de “paz” e acredita que a humanidade egocêntrica pode chegar a ela neste mundo, deveria examinar-se a si mesmo, profundamente: “Que tipo de pensamentos tenho em mente? Será que eu não sou essencialmente crítico, pedante, cheio de sede de poder? Será que já neguei estas ten-

dências? Ou será que elas se expressam abertamente em meus desejos, em meu comportamento impiedoso com relação aos outros? Será que eu não sou tão egocêntrico a ponto de somente ver estes defeitos nos outros?

Muita gente se assusta quando se fala a respeito da luta pela existência, do sucesso, das derrotas, dos fracassos, das vitórias, dos que atacam e dos inimigos, do *front*, das trincheiras. É certo que empregamos esta terminologia na vida cotidiana e não somente no mundo do esporte, onde o combate é bem dissimulado! A ilusão faz acreditar que nossas idéias pessoais são as únicas que são justas. Dizemos: “Sei melhor que você!”, mas o outro replica a mesma coisa! Desejar mais do que é necessário para viver nos leva à escravidão e à exploração das criaturas e da natureza. Alguns economistas sustentam a tese de que o crescimento econômico fará com que as guerras desapareçam. Eles acreditam que o homem pode conquistar sua paz lutando contra a natureza e a explorando. A riqueza e a abundância alcançariam a todos. Mas, onde fica o limite entre a riqueza e a abundância para todos? Logo estaremos atingindo rapidamente os limites do crescimento: isto já aparece em vários setores. E é evidente que as consequências da cultura intensiva das fontes naturais mundiais são irremediáveis.

O OBJETIVO SE AFASTA CADA VEZ MAIS

Os homens já estão cansados de procurar a “paz” através dos tempos. Mas quanto mais eles querem conquistá-la, mais ela lhes escapa. Então, em que direção devemos conduzir nossos esforços? A resposta lógica é esta: na direção do caminho de volta ao reino da paz, de onde o homem saiu; libertar-se do domínio da violência, que torna a todos prisioneiros. Como conseguir isto? Rompendo a ligação com a força po-

derosa que a Bíblia chama de “o príncipe deste mundo”.

A finalidade da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea é tornar as pessoas conscientes dos laços que nos impedem de atingir o verdadeiro objetivo da vida. Denunciar a ilusão que consiste em crer que é possível estabelecer um reino de paz sobre a terra. Todas as escolas dos mistérios autênticos se esforçaram para seguir esta diretriz, mostrando aos homens, por meio da palavra e dos escritos sagrados, o verdadeiro sentido da vida.

QUEM ACIONA OS FIOS DAS MARIONETES?

As marionetes são bonecos acionados por fios que são fixados em suas cabeças, em suas mãos e em seus pés. O apresentador de marionetes se mantém atrás ou abaixo do palco, a fim de ficar invisível ao público, o que dá a impressão de que as marionetes se mexem por si mesmas. Esta é a realidade que se apresenta aos espectadores.

Ninguém se preocupa se aquele que aciona os fios fica invisível. Quando os fios brilham por alguns momentos na luz, todos logo esquecem e olham o espetáculo que se passa em cena: intrigas, confusões, farsas, perseguições, risos, choros... Como espectadores críticos, começamos a tentar compreender o funcionamento, mas logo ficamos entretidos com a peça. Peça e realidade se confundem.

Depois da representação, todos voltam à vida cotidiana. Alguns se apressam para não perder o trem ou o ônibus; outros, ficam à vontade, seguindo até o carro, ou indo beber ou comer alguma coisa; gente bem diferente, todos “livres em um país livre”, voltados para um objetivo.

As discussões animadas sobre a representação mostram que cada um a vivenciou com intensidade e que a ilusão do mundo que o marionetista soube evocar ainda não perdeu sua força. “Como as marionetes poderiam ser tão naturais, como se estivessem vivas? Tudo parecia tão real!” Alguém explica que as marionetes são suspensas por fios, que parecem invisíveis pois são bem finos, e que logo as pessoas se habituariam a isto. Estes fios são ligados a dois pauzinhos fixados em forma de cruz

que, colocados em movimento, fazem com que as marionetes se mexam, obedecendo, assim, àquilo que se espera delas. Tem-se a impressão de realidade, mas tudo não passa de uma peça.

QUEM É O DIRETOR?

Todas estas pessoas que voltam para casa, segundo acreditamos, também são acionadas por fios. É como se uma mão desconhecida os sustentasse e os dirigisse. Como se eu mesmo e todas estas pessoas “livres” não passássemos de marionetes! Mas quem é o diretor? Quem distribui os papéis? Afinal, cada um desempenha seu próprio papel.

Os homens fizeram da terra um teatro para onde todos os dias vêm novos espectadores, e cujos cenários podem transformar-se rapidamente para mostrar comédias, tragédias, dramas sangrentos, melodramas, cenas de amor, sátiras etc. Há peças para todos os gostos. Mas quem é o público? E quem são os atores? Não seríamos nós, todos os habitantes da terra, atores e espectadores ao mesmo tempo do teatro do mundo? Como em um teatro de marionetes, eles ignoram quem aciona os fios, aceitam a aparência e seguem intensamente a intriga, comovidos, indignados, e às vezes até mesmo entediados. Mas, no final, eles sempre aplaudem e assim vão mantendo em movimento a grande peça do engano e da imitação.

A PRÓPRIA VIDA FAZ AS MARIONETES DANÇAREM

Enquanto os homens debatem, acionados por seus próprios fios, ao mesmo tempo eles fazem dançar os outros: seduzindo-os com mel, ou os constringendo com o chicote. “Ah, será que isto não é um pouco de exagero? O mel,

pode ser, mas o chicote, o chicote do domador?” dizem eles para ter certeza.

Mas claro, eles agem debaixo de chicote, o chicote de um domador invisível! De tempos em tempos, eles percebem alguma coisa da peça. Então, há protestos indignados. Mas qual seria o sentido de tudo isto? Quando o mel é doce, o engano passa antes da verdade.

E de repente é como se a venda tivesse caído de seus olhos. De onde vêm todos estes pensamentos? Talvez seja um novo papel que devem desempenhar, um novo papel entre tantos! Mas será que estes pensamentos não estariam vindo de um diretor invisível, mas de um outro mundo? Seria uma voz sobre a qual o marionetista de sempre não teria nenhum poder?

No teatro deste mundo, as marionetes estão ligadas ao apresentador de marionetes pelos fios atados a suas cabeças, suas mãos e seus pés. Estes pontos de fixação são precisamente os pontos pelos quais passam as linhas do pentagrama. Ora, o pentagrama é o símbolo do homem, mas também da alma. Ligado novamente à força elevada que o aciona e o anima, este pentagrama representa a alma que é prisioneira do firmamento aural que envolve o homem. Tudo o que o homem quer, deseja, pensa e faz está dentro deste firmamento e é conservado para a existência seguinte no interior do microcosmo. Este “livro de histórias” é o apresentador de marionetes de cada um. Ele determina o que um ser humano pensa, sente e faz. Enquanto ele não for consciente, desempenhará docilmente seu papel. Mas chega a hora em que, mortalmente cansado de atuar, ele já não agüenta, então alguma coisa começa a se transformar. Ora, esta é a hora esperada por toda a criação!

O PERIGO DA TELEVISÃO

— O perigo dos raios torna-se cada vez mais insignificante em comparação com o perigo do aprisionamento astral e do encapsulamento da consciência. No que diz respeito a este perigo, a tela do LCD (cristal líquido) não protege em nada.

— Uma tela fluorescente emite raios radiativos que têm efeito cumulativo no corpo. Além deste, outros raios também podem provocar danos. Já foram constatadas deformações genéticas em plantas e pequenos animais.

— A frequência da formação da imagem é um ritmo eletrônico sem alma. A “atomização da alma”, o fato de sermos dilacerados, no verdadeiro sentido da palavra, pelas vibrações da luz tem uma influência sobre o subconsciente. Esta luz leva à escravidão e favorece uma hiperatividade.

Os veículos superiores, assim como os chakras, são carregados eletricamente. Este fenômeno acaba com toda a tranquilidade da alma. As conseqüências são: insatisfação, desejo de agitar-se assistindo a televisão cada vez mais... geralmente este estado se descarrega sob a forma de agressividade.

— No que diz respeito ao efeito da luz sobre os seres vivos, os homens e os animais têm necessidade de uma “dieta” composta de um comprimento de ondas precisas e equilibradas. Quando elas são concentradas unilateralmente, como é o caso das telas de tubo catódico, podem acarretar transformações ao nível celular, levando-as à degenerescência. Os delicados órgãos atrás dos olhos (os tálamos ópticos, a pineal e a hipófise) tornam-se vulneráveis e danificam-se, principalmente nas crianças pequenas.

— É muito importante estar atento para que as crianças tirem proveito do movimento de seu corpo e de seus olhos, tão necessários ao desenvolvimento do pensar. A criança deve vivenciar tridimensionalmente a visão, a percepção, o caminhar e o contato físico com seu meio.

— Pela fixação da tela, o ser é mantido em

uma espécie de hipnose (com possíveis manifestações epiléticas) e a ligação das duas metades do cérebro não pode ser completamente estabelecida. Segue-se um bloqueio de ligações transversais e da filtragem das impressões pelo poder analítico. Os fluxos nervosos são programados de modo unilateral e insuficiente.

— A estimulação dos órgãos dos sentidos e dos sentimentos é substituída por imitações de sensações deformadas. A vida emocional e imaginativa se empobrece. Valores fictícios são considerados realidade. A força de imaginação, a criatividade, que são necessárias para seguir a senda, degeneram-se. A qualidade potencial da alma entra em estado de sofrimento e torna-se ineficaz.

— Sem perceber, todos os telespectadores tornam-se semelhantes, tal como uma massa doutrinada por uma atualidade programada que provoca uma produção de éteres e o aprisionamento da consciência humana. Os psicólogos chamam isto de “robotização”, e a consideram como a morte do espírito.

— O apelo de Aquarius, o Aguadeiro, é sufocado por uma fascinação ligada ao aprisionamento sistemático, num incessante aturdimento audiovisual. Sempre há alguma coisa que “precisa ser vista”. Daí para frente, passa a existir uma associação entre o indivíduo e a televisão. A última fascinação da moda é a realidade virtual, o ciberespaço.

— Assim é contrariado o processo de inversão do sentido de rotação dos chakras. O manto de luz do aluno, assim como o Corpo-Vivo da Escola, são solapados por potentes forças astrais que ligam à natureza. Cada aluno é co-responsável pelo Corpo-Vivo.

O aluno que possui um aparelho de televisão em sua casa e a ele assiste, traz conseqüências diretas, não somente para ele, mas também para a Escola Espiritual.

— Conclusão: a televisão é um dos principais instrumentos da Grande Farsa!